



## RÉPTEIS DAS PORÇÕES SUBTROPICAL E TEMPERADA DA REGIÃO NEOTROPICAL

---

*Renato S. Bérnils*  
*Alejandro R. Giraud*  
*Santiago Carreira*  
*Sonia Z. Cechin*

A herpetofauna que ocupa o sul da América do Sul está entre as mais conhecidas do continente. Assim, o mapeamento dos répteis dessa região permite o delineamento preciso de suas ocorrências e, como consequência, o encontro de desenhos distribucionais que se repetem: padrões corológicos congruentes que geram elementos faunísticos corroborados por outros grupos taxonômicos, como mamíferos, aves, anfíbios e, de forma mais evidente, por espécies vegetais. Cada vez mais se tornam patentes determinadas correlações de distribuição entre espécies, populações ou comunidades, com ecossistemas ecológica ou historicamente agrupáveis, permitindo o reconhecimento de grande variedade de répteis exclusivos (endêmicos) de cada um dos biomas ocorrentes na América do Sul meridional. Dessa forma, faz-se necessário distinguir as espécies nas respectivas paisagens e interpretar suas distribuições à luz de ferramentas biogeográficas, desde a simples sobreposição de mapas congruentes até os mais recentes métodos de biogeografia histórica e ecológica. O que aqui se apresenta é fruto de uma primeira aproximação conjunta (Argentina, Brasil e Uruguai), visando gerar um esboço sobre a fauna de répteis da porção subtropical/temperada da região Neotropical.

## Introdução

A biogeografia da América do Sul tem sido objeto de especulações praticamente desde o início de sua exploração por conquistadores/colonizadores europeus. Com uma biota tão distinta daquela que até então estava ao alcance das caravelas, o Novo Mundo inspirou hipóteses, científicas ou não, as mais variadas – algumas das quais ainda sobrevivem como conceitos populares acríticos na “sabedoria popular”. O século XX, porém, foi palco da sedimentação da biogeografia como ciência, e mesmo o último bastião de resistência das antigas especulações, o conceito de centro de origem e dispersão, foi contestado e substituído, na maioria das análises, pela idéia de vicariância. Nesse período de avanço crítico, alguns nomes se sobressaem como formadores da base das discussões acerca da formação, evolução e distribuição da fauna continental sul-americana: León Croizat, George G. Simpson, Cândido F. Mello-Leitão, Ángel L. Cabrera, Raúl Ringuelet, Jürgen Haffer, Aziz N. Ab’Saber, Keith Brown, Joel Cracraft, Nelson Papavero, Dalton S. Amorim, Michael A. Mares, Juan J. Morrone, Jorge V. Crisci, José M. Cardoso da Silva e Paula Posadas. Com especial atenção aos répteis sul-americanos, destacam-se personalidades que se mesclam às já citadas, como Paul Müller, Federico Medem, José M. Gallardo, Paulo E. Vanzolini, William E. Duellman, José M. Cei, Miguel T. U. Rodrigues e James R. Dixon.

O reconhecimento de padrões de distribuição nos animais e plantas da América Latina, gerando propostas que delimitam regiões biogeográficas, tem mais de 150 anos<sup>1</sup>, com realce zoogeográfico para as contribuições de alguns dos autores acima citados<sup>2</sup>. Determinadas regiões se mostram distinguíveis, de forma consistente, desde os estudos pioneiros (como o reconhecimento de faunas peculiares a Amazônia, Andes, Chaco, Mata Atlântica etc.), enquanto outras apenas recentemente puderam ser detectadas (como particularidades e singularidades das faunas de Amazônia, Andes, Chaco ou Mata Atlântica), graças à melhoria na qualidade dos dados e ao acúmulo de conhecimento.

Os avanços no conhecimento acerca dos répteis com ocorrência subtropical na Argentina, no Brasil e no Uruguai, ainda que longe de completos, são evidenciados pela publicação recente de diversos estudos descritivos regionais<sup>3</sup>, inventários provinciais<sup>4</sup> e listas faunísticas nacionais<sup>5</sup>. A literatura acumulada sobre o tema pode ser considerada vasta, a despeito dos esforços desiguais entre Argentina, Uruguai

- <sup>1</sup> Sínteses das propostas bio, zoo e fitogeográficas, estão disponíveis em MORRONE, J. J. *Biogeografía de América Latine y el Caribe*. Manuales & Tesis, 3. Zaragoza: Sociedad Entomológica Aragonesa, 2001. 148 p.
- MARCHIORI, J. N. C. *Fito-geografía do Rio Grande do Sul: enfoque histórico e sistemas de classificação*. Porto Alegre: Ed. EST, 2002. 118 p.
- <sup>2</sup> MELLO-LEITÃO, C. F. As Zonas de Fauna da América Tropical. *Rev. Bras. Geogr.*, 8(1):71-112, 1946.
- MELLO-LEITÃO, C. F. *Zoogeografía do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. 649 p.
- MÜLLER, P. *The dispersal centres of terrestrial vertebrates in the Neotropical realm*. The Hague: Junk, 1973. 244 p.
- CABRERA, A. L. & WIL-LINK, A. *Biogeografía de América Latina*. Monogr. 13, Sér. Biología. Washington: OEA, 1973. 350 p.
- <sup>3</sup> Por exemplo SAZIMA, I. Répteis. In: LEONEL, C. (ed.). *Intervalos*. Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo. São Paulo: A Fundação, 1994. p. 146-157.
- BÉRNILS, R. S.; BATISTA, M. A. & BERTELLI, P. W. Cobras e lagartos do vale: levantamento das espécies de Squamata (Reptilia, Lepidosauria) da bacia do rio Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Rev. Estud. Ambient.*, 3(1):69-79, 2001.
- BERNARDE, P. S. & MACHADO, R. A. Fauna reptiliana da bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, M. E.; BIANCHINI, E.; SHIBATTA, O. A. & PIMENTA, J. A. (ed.). *A Bacia do Rio Tibagi*. Londrina: Universidade Estadual Londrina, 2002. p. 291-296.
- MARQUES, O. A. V. & SAZIMA, I. História natural dos répteis da Estação Ecológica Juréia-Itatins. In: MARQUES, O. A. V. & DULEBÁ, W. (ed.). *Estação Ecológica Juréia-Itatins: ambiente físico, flora e fauna*. Ribeirão Preto: Holos, 2004. p. 257-277.

SANTOS, T. G.; KOPP, K. A.; SPIES, M. R.; TREVISAN, R. & CECHIN, S. C. Répteis do campus da Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. *Biota Neotr.*, 5(1):171-178, 2005.

KACOLIRIS, F.; HORLENT, N. & WILLIAMS, J. Herpetofauna, Coastal Dunes, Buenos Aires Province, Argentina. *Check List*, 2(3), 2006.

<sup>4</sup> Por exemplo LEMA, T. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comun. Mus. Ciênc. Tecnol. PUCRS (Zool.)*, 7: 41-150, 1994.

CHEBEZ, J. C.; GALLARDO, J. M. & GIRAUDO, A. R. Reptiles. In: CHEBEZ, J. C. (org.). *Fauna misionera*: catálogo sistemático y zoogeográfico de los vertebrados de la provincia de Misiones (Argentina). Buenos Aires: L. O. L. A., 1996. p. 84-106.

GIRAUDO, A. R. *Diversidad de serpientes de la Selva Paranaense y del Chaco Húmedo*: taxonomía, biogeografía y conservación. Buenos Aires: L. O. L. A., 2001. xiv + 285 p.

SCROCCHI, G. J.; MORETA, J. C. & KRETZSCHMAR, S. Z. *Serpientes del Noroeste Argentino*. San Miguel de Tucumán: Fundación Miguel Lillo, 2006. 174 p.

<sup>5</sup> Por exemplo CEI, J. M. Reptiles del noroeste, nordeste y este de la Argentina. Herpetofauna de las selvas subtropicales, Puna y Pampas. *Monogr. Mus. Reg. Sc. Natur. Torino*, 14:949 p., 1993.

WILLIAMS, J. D. & SCROCCHI, G. Ophidia, Lepidosauria. *Fauna de Agua Dulce de la República Argentina*, 42(3):1-55, 1994.

ACHAVAL, F. Actualización sistemática y mapas de distribución de los reptiles del Uruguay. *Smithsonian Herpetological Information Service*, 129:37 p., 2001.

GIRAUDO, A. R. & SCROCCHI, G. J. Argentinean snakes: a commented checklist. *Smithsonian Herpetological Information Service*, 132:53 p., 2002.

e Rio Grande do Sul, que vêm sendo bem trabalhados há muitas décadas, e Santa Catarina, Paraná e São Paulo, que ainda carecem de estudos herpetofaunísticos abrangentes.

## Definição da área de estudo

A escolha de uma classificação e um esquema biogeográfico a seguir depende tanto da avaliação dos critérios e métodos dos autores, quanto da contemporaneidade dos dados por eles utilizados. Assim, para o presente estudo, foi consensual a opção pela nomenclatura e pelas divisões biogeográficas adotadas por Juan J. Morrone<sup>6</sup>, que reparte a América do Sul em duas regiões solidamente diferenciáveis: Neotropical e Andina, cada qual com suas sub-regiões e províncias. Assentiu-se também quanto à delimitação da região Neotropical *sensu* Morrone para a abordagem dos dados aqui discutidos, excluindo-se a região Andina desta análise. Três são as sub-regiões envolvidas: Amazônica, representada pelo extremo sul da província das Yungas (YUN); Chaquenha, representada pelas províncias biogeográficas do Pampa (PAM), do Monte (MON) e do Chaco (CHA); e Paranaense, com as províncias Floresta Atlântica (ATL), Floresta de *Araucaria angustifolia* (ARA) e Floresta Paranaense (PAR).

Em termos gerais, o polígono alvo do presente enfoque pode ser definido pelas seguintes arestas: oceano Atlântico a leste, trópico de Capricórnio a norte, e região Andina *sensu* Morrone a oeste e sul, pouco além do paralelo 40°S (figura 1). Esse recorte inclui o Uruguai, os quatro estados mais meridionais do Brasil (São Paulo *partim*, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e as províncias argentinas de Misiones, Corrientes, Entre Ríos, Formosa, Chaco, Tucumán, Santiago del Estero, Santa Fé, Córdoba, San Luís, La Pampa e Buenos Aires, complementadas pelo norte de Río Negro e leste de Jujuy, Salta, Catamarca, La Rioja, San Juan e Mendoza.

## Algumas peculiaridades geográficas da região

O trópico de Capricórnio, que coincide com o paralelo 23°27'S, e, no Brasil, corre próximo ao curso do rio Paranapanema (afluente do rio Paraná), é o limite meridional atual (aproximado) do Cerrado<sup>7</sup> e de uma expressiva quantidade de espécies de répteis característicos desse bioma. Como essa faixa da América do Sul marca ainda a transição de clima tropical para subtropical, parte da herpetofauna de outro grande bioma, a Mata Atlântica, também apresenta aí o seu limite sul de distribuição.

ACHAVAL, F. & OLMOS, A. *Anfibios y Reptiles del Uruguay*. Montevideo: Graphis, 2003. 39 p.

CARREIRA, S.; MENE-GHEL, M. & ACHAVAL, F. *Reptiles de Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República, 2005. 639 p.

<sup>6</sup> MORRONE, J. J. *Op. cit.*, 2001.

<sup>7</sup> MAACK, R. *Urwald und Savanne im Landschaftsbild des Staates Paraná. Zeitsch. Gesellsb. Erdk.*, 3/4:95-116, 1931.

STRAUBE, F. C. O cerrado no Paraná: ocorrência original e subsídios para sua conservação. *Cadernos da Biodiversidade*, 1(2):12-24, 1998.

RODERJAN, C. V.; GALVÃO, F.; KUNIYOSHI, Y. S. & HATSCHBACH, G. G. As unidades fitogeográficas do Estado do Paraná. *Ciência & Ambiente*, 24:75-92, 2002.

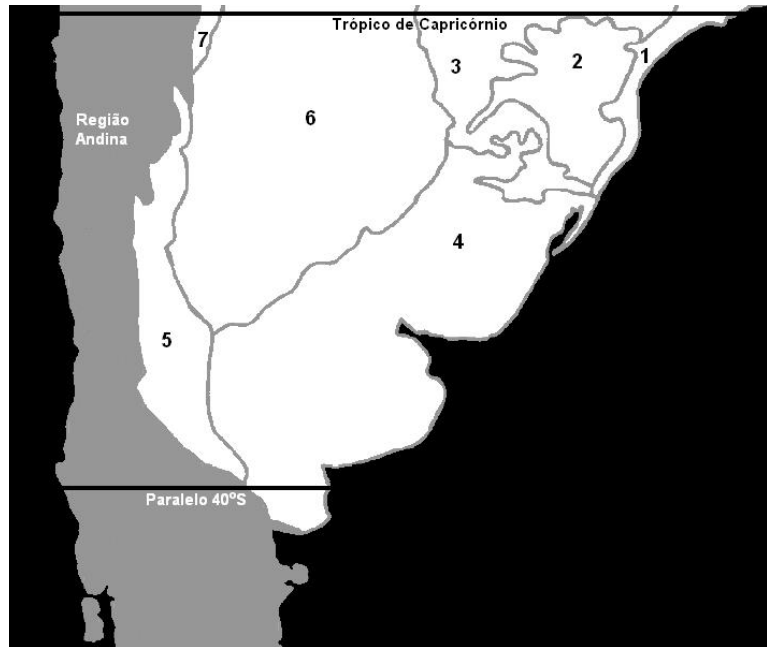


Figura 1: Representação esquemática da área de estudo, sul da América do Sul, abaixo do trópico de Capricórnio e dentro dos limites da região Neotropical *sensu* Morrone, com as seguintes províncias biogeográficas: 1) Floresta Atlântica; 2) Floresta de *Araucaria angustifolia*; 3) Floresta Paranaense; 4) Pampa; 5) Monte; 6) Chaco; e 7) Yungas.

Por outro lado, abaixo do trópico de Capricórnio aparecem ecossistemas únicos, com destaque para as florestas subtropicais, as formações campestres planálticas e os campos pampianos, todos com elementos herpetofaunísticos próprios e instigantes indícios de correlação histórica com a fauna andino-patagônica (região Andina de Morrone). Esse limite entre uma herpetofauna tropical e outra subtropical/temperada é, no Brasil, mais concordante com a latitude do que no Paraguai e na Argentina. Nas áreas elevadas do planalto meridional brasileiro, marcadas a leste pelas cordilheiras atlânticas com as nascentes de grandes tributários do rio Paraná (Tietê, Paranapanema, Piquiri, Iguazu e Uruguai), a transição climática e de paisagem é facilmente percebida. Além de definir províncias biogeográficas, essas terras elevadas e frias sintomaticamente também discriminaram a região de ocorrência de culturas ceramistas pré-colombianas, como a tradição Taquara/Itararé, hoje reduzida aos Kaingang e Xokleng.<sup>8</sup> Historicamente, as peculiaridades desses planaltos também foram fatores determinantes das estratégias de exploração dos recursos e

<sup>8</sup> PROUS, A. *O Brasil antes dos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 144 p.

<sup>9</sup> SALOMON, M. J. O clima, a imigração e a invenção do sul do Brasil. In: ARRUDA, G. (org.). *Natureza, fronteiras e territórios: imagem e narrativas*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 97-112.

<sup>10</sup> GIRAUDO, A. R. *Op. cit.*, 2001.  
ARZAMENDIA, V. *Las serpientes (Reptilia) de los ríos Paraná y Uruguay: patrones de diversidad y rol de los ríos como corredores faunísticos*. Tese de Doutorado. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2006.

ocupação agrícola, principalmente após a instalação de grandes contingentes de imigrantes europeus, no século XIX.<sup>9</sup>

Na altura do paralelo 30°S, dá-se uma nova mudança significativa na composição faunística, coincidente com o extremo sul dos planaltos orientais da América do Sul e sua biota florestal e campestre ligada às províncias PAR, ARA e ATL, e o extremo norte das províncias PAM e MON, ambas essencial ou predominantemente campestres.

A oeste dos referidos planaltos, em terras bem mais baixas do Paraguai e da Argentina, boa parte da herpetofauna típica do Brasil Central encontra condições ambientais favoráveis à sua ocorrência, mesmo que bem ao sul de Capricórnio. Ali, seguindo os rios Paraguai e Paraná, diversos répteis apresentam um *continuum* de distribuição entre o Pantanal, o Cerrado e o Chaco (e seus ambientes paludosos em especial), e latitudes mais elevadas, pelo menos até a mesopotâmia argentina.<sup>10</sup>

### Ausências sentidas

É significativo o rol de espécies que apresenta ampla distribuição geográfica, desde o centro ou o norte da América do Sul até o trópico de Capricórnio, pouco ultrapassando ou apenas se aproximando do próprio trópico (ou do rio Paranapanema). Em muitos casos, gêneros inteiros bem distribuídos pelo continente não possuem representantes abaixo do trópico, ou seja, seu desenho corológico não adentra a porção subtropical – ou, se o faz, não é por muitos quilômetros na Argentina ou no Brasil.

Na condição mais radical, de ausência de representantes abaixo do trópico (em especial em território brasileiro), podem ser citados lagartos dos gêneros *Hoplocercus*, *Iguana*, *Anolis*, *Gymnodactylus*, *Leposoma*, *Colobosaura*, *Heterodactylus* e *Micrablepharus*, anfisbenídeos do gênero *Bronia*, e serpentes dos gêneros *Tropidophis*, *Corallus*, *Drymarchon*, *Drymoluber*, *Oxybelis*, *Pseustes*, *Simophis* e *Lachesis*. Também seguem esse padrão os jacarés *Paleosuchus*. Em situação semelhante, encontram-se gêneros com muitas espécies, das quais somente uma ou duas estão representadas ao sul do trópico – geralmente também pouco se distanciando da faixa de transição tropical-subtropical, como lagartos *Diploglossus*, anfisbenídeos *Cercolophia* e serpentes *Epicrates*, *Apostolepis* e *Siphlophis*.

Aos gêneros do parágrafo anterior, somam-se as espécies *Amphisbaena alba*, *Enyalius brasiliensis*, *E. perditus*, *Stenocercus caducus*, *Tropidurus itambere*, *Mabuya agilis*, *M. caissara*, *Cercosaura quadrilineata*, *Eunectes murinus*,

*Helicops gomesi*, *Liophis atraventer*, *Liophis typhlus*, *Phalotris matogrossensis*, *P. mertensi*, *Pseudoboa nigra*, *P. ser-rana*, *Rhachidelus brazili*, *Thamnodynastes rutilus*, *Micrurus lemniscatus*, *M. tricolor*, *Bothrops itapetiningae*, *B. moojeni* e *B. pauloensis*, todas com limite meridional de distribuição à altura do trópico de Capricórnio. Considerando-se exclusivamente a porção subtropical brasileira, incluem-se ainda nesse grupo os répteis: *Geochelone* spp., *Polychrus* spp., *Ameiva ameiva*, *Kentropyx* spp., *Boa constrictor*, *Chironius quadricarinatus*, *Clelia bicolor*, *Leptodeira annulata*, *Philodryas mattogrossensis* e *Pseudoeryx plicatilis*.

Uma imagem facilmente evocada por essas ausências é a de gradientes latitudinais de riqueza. Avaliações regionais ou nacionais, em sentido norte-sul, mesmo quando consideram os répteis endêmicos aos biomas subtropicais e temperados da América do Sul<sup>11</sup>, reforçam essa idéia clássica de decréscimo gradual da diversidade, na medida em que se avaliam latitudes maiores, afastando-se da Linha do Equador<sup>12</sup>.

### Presenças confirmadas

As tabelas 1 a 5 (em anexo) apresentam as 311 espécies de répteis registradas para a área de estudo, divididas segundo as províncias biogeográficas definidas por Juan J. Morrone. No texto que segue, esses mesmos registros são discutidos dentro dos limites político-administrativos dos países reportados: o Brasil repartido por estados, mas a Argentina e o Uruguai como unidades.

Ao todo, foram 311 espécies de répteis registradas para a região de estudo: 308 autóctones e três exóticas com origem no Velho Mundo – três lagartos da família Gekkonidae. São 18 quelônios, dois jacarés, 17 anfisbenídeos, 101 lagartos e 173 serpentes. O volume de espécies endêmicas é elevado para as províncias chaquenas PAM, MON e CHA, bem como para a amazônica YUN, mas é baixo para as províncias da sub-região paranaense: ARA, PAR e, especialmente, ATL. A província ATL, em sua totalidade, apresenta uma elevada quantidade de répteis endêmicos, mas isso não se mantém em sua porção subtropical, para a qual há registro de apenas duas espécies exclusivas.

As províncias neotropicais CHA e PAM, que ocupam maior área na porção subtropical/temperada da América do Sul, apresentaram números expressivos de répteis: 117 e 97, respectivamente, e isso explica parcialmente o grande volume de formas endêmicas que ambas apresentam. Con-

<sup>11</sup> Por exemplo GIRAUDO, A. R. & SCROCCHI, G. *Op. cit.*, 2002.

BÉRNILS, R. S. Répteis da Floresta Atlântica. In: FERNANDES, C. R. (org.). *Floresta Atlântica - Reserva da Biosfera*. Curitiba: Carlos Renato Fernandes Ed., 2003. p. 150-173.

<sup>12</sup> Para uma revisão abrangente do tema: BRAYARD, A.; ESCARGUEL, G. & BUCHER, H. Latitudinal gradient of taxonomic richness: combined outcome of temperature and geographic mid-domains effects? *J. Zool. Syst. Evol. Research*, 43: 178-188, 2005.



tudo, chama a atenção o registro de 115 espécies de répteis para a província PAR, que na região em análise está representada apenas por sua extremidade meridional. A província ATL, em situação geográfica similar, obteve apenas 73 répteis registrados, já computadas as cinco tartarugas marinhas de seu extenso litoral. ARA e MON, de áreas reduzidas, mas completamente inseridas na região deste estudo, apresentaram 78 e 69 répteis cada. Seus totais são menos expressivos em suas áreas core, pois ambas sofrem influência de províncias vizinhas com herpetofaunas mais ricas. A menor das províncias no contexto deste estudo, YUN, contou com apenas 37 répteis, mas esse total não é insignificante frente à reduzida área que a província ocupa.

Diversos grupos aqui arrolados estão patentemente carentes de revisão taxonômica e nomenclatural. As alterações que surgirão dessas revisões (algumas já em andamento) inevitavelmente modificarão o total de espécies e as distribuições aqui apresentadas. Entre os répteis universalmente reconhecidos como de fraca sustentação taxonômica estão algumas espécies dos gêneros *Tropidurus*, *Dipsas*, *Helicops*, *Liophis* e *Philodryas*, além de táxons polimórficos como *Ophiodes striatus*, *Leposternon microcephalum*, *Epicrates cenchria*, *Erythrolamprus aesculapii*, *Mastigodryas bifossatus*, *Oxyrhopus rhombifer*, *Taeniophallus occipitalis*, *Tantilla melanocephala* e *Micrurus lemniscatus*.

## São Paulo

A maior parte da metade sul do território paulista, abaixo do trópico de Capricórnio (cerca de 45.000km<sup>2</sup> de área), está cinturada entre o planalto e o oceano, e, em conjunto com o extremo norte do litoral do Paraná, é predominantemente constituída pela planície quaternária da bacia do rio Ribeira. Entretanto, embora São Paulo seja, em termos herpetológicos, o estado mais bem amostrado do Brasil<sup>13</sup>, a bacia do rio Ribeira é a sua região menos estudada.

Ainda que não apresente uma identidade herpetofaunística tão distinta da porção setentrional adjacente (ou seja, há solução de continuidade entre a sua fauna e a que é conhecida no restante do litoral paulista), essa pequena porção de São Paulo possui pelo menos dois répteis de destaque: *Corallus cropanii* (Boidae) e *Bothrops insularis* (Viperidae). Com limitadíssima área de ocupação<sup>14</sup>, essas serpentes podem ser os únicos répteis endêmicos da porção subtropical da província ATL, embora esta se estenda até o Rio Grande do Sul e ocupe extensas áreas em Santa Catarina.

<sup>13</sup> Dados da coleção do Instituto Butantan, cortesia de Francisco L. Franco.

<sup>14</sup> MARQUES, O. A. V. & CAVALHEIRO, J. *Corallus cropanii*. Habitat and Diet. *Herpetol. Rev.*, 29:170, 1998. MARQUES, O. A. V.; ETEROVIC, A. & SAZIMA, I. *Serpentes da Mata Atlântica*: guia ilustrado para a Serra do Mar. Ribeirão Preto: Holos, 2001. 184 p.

As áreas subtropicais, no estado de São Paulo, são o limite meridional de distribuição de alguns répteis, com destaque para *Tropidophis paucisquamis*, *Atractus serranus*, *Liophis atraventer* e *L. typhlus*, uma vez que nenhuma dessas serpentes possui registro abaixo do extremo sul de São Paulo. O mesmo é observado para os répteis endêmicos das serras da Mantiqueira e Bocaina, que se situam logo acima do trópico de Capricórnio, como *Clelia montana*, *Pseudoboa serrana* e *Bothrops fonsecai*. Essas áreas subtropicais paulistas representam, por outro lado, os limites setentrionais de *Amphisbaena trachura*, *Helicops infrataeniatus*, *Micrurus altirostris* e *Bothrops cotiara*.

## Paraná

A não ser por uma breve contribuição de 1905, de Otto Boettger (pioneiro em listar répteis para o estado)<sup>15</sup>, apenas a partir dos anos 80 do século XX o Paraná passou a ser herpetologicamente trabalhado por pesquisadores residentes. Esses esforços surgiram no Museu de História Natural Capão da Imbuia (MHNCI) e na Universidade Federal do Paraná, ambos em Curitiba, e foram desenvolvidos basicamente pelas mesmas pessoas, com preocupação maior de formar coleções e mapear espécies. Na década seguinte surgiram espontaneamente outros grupos interessados nos répteis do Paraná, com destaque para atividades realizadas nas universidades estaduais de Londrina, Cascavel e Ponta Grossa, bem como iniciativas particulares em Guarapuava e Curitiba.

A coleção de répteis do MHNCI reúne hoje mais de doze mil exemplares, com imensa maioria (cerca de 70%) oriunda do estado do Paraná<sup>16</sup>. Somados aos espécimes guardados em acervos mais antigos (Museu Nacional, Museu de Zoologia da USP e Instituto Butantan), é possível obter um excelente delineamento corológico dos répteis no estado, sob as mais variadas perspectivas: por bioma, províncias biogeográficas, gradientes de altitude, clima, vegetação, atividades antrópicas etc.

Recentemente foram levantadas 154 espécies de répteis com registro para o Paraná<sup>17</sup>: cinco quelônios marinhos, quatro de água doce, um jacaré, oito anfisbenídeos, 25 lagartos e 111 serpentes. A serpente *Calamodontophis ronaldoi*, recentemente descrita a partir de apenas dois exemplares paranaenses, é, até onde se sabe, o único réptil endêmico ao estado. Nesta diversidade há apenas uma espécie exótica reconhecidamente estabelecida, a lagartixa *Hemidactylus mabowia* (Gekkonidae), embora haja descon-

<sup>15</sup> BOETTGER, O. Reptilien aus den Staat Parana. *Abhand. Senckenberg. Naturfors. Gesells.*, 255: 9 p., 1905.

<sup>16</sup> Dados da coleção do MHNCI, cortesia de Julio Cesar de Moura-Leite.

<sup>17</sup> BÉRNILS, R. S.; MOURA-LEITE, J. C. & MORATO, S. A. A. Répteis. In: MIKICH, S. B. & BÉRNILS, R. S. (org.). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, 2004. p. 497-535.



<sup>18</sup> *Geochelone* spp. (Testudinidae),  
*Trachemys dorbigni* (Emydidae)  
e mesmo *Agama* sp. (Agamidae).

fiança em relação a outras espécies alóctones encontradas em atividades de campo<sup>18</sup>. Grande parte dos répteis registrados para o Paraná (70 espécies, 45%) se concentra exclusivamente no norte, oeste e/ou leste do estado (províncias PAR e ATL), cabendo à porção centro-sul uma menor riqueza de espécies, repartidas entre biomas florestais e campestres, bem diferenciáveis dentro da província ARA. A partir dos dados do MHNCI e observações de campo, é possível acusar *Ophiodes striatus*, *Tupinambis meriana*, *Liophis miliaris*, *Tomodon dorsatus* e *Bothrops jararaca* como os répteis mais amplamente distribuídos no Paraná. Além destas, entre as espécies mais comuns (embora por vezes limitadas a determinadas regiões) destacam-se os anfisbenídeos *Amphisbaena mertensii* e *Leposternon microcephalum*, os lagartos *Enyalius iheringii*, *Tropidurus torquatus*, *Cercosaura schreibersii* e *Mabuya dorsivittata*, e as serpentes *Liotyphlops beui*, *Atractus taeniatus*, *Chironius bicarinatus*, *Liophis poecilogyrus*, *Philodryas olfersii*, *P. patagoniensis*, *Sibynomorphus newwiedii*, *Thamnodynastes strigatus*, *Waglerophis merremii*, *Micrurus altirostris*, *M. corallinus* e *Crotalus durissus*.

Excluídas as espécies exclusivamente marinhas, todos os registros foram plotados em mapa, detectando-se distribuições ordenadamente congruentes que permitem configurar, nos quase 200.000km<sup>2</sup> do estado, oito elementos diferenciados e caracterizáveis – ou seja, oito padrões corológicos<sup>19</sup>: quatro essencialmente florestais; dois essencialmente campestres; um envolvendo tanto répteis florestais quanto campestres; e um com espécies de ampla distribuição. Mais tarde foi verificado, coerentemente, que esses mesmos padrões também são observados, com pequenas variações, nas demais áreas subtropicais do Brasil. Segue uma descrição abreviada dos oito padrões corológicos encontrados.

**Padrão 1.** Um primeiro grupo de espécies (elemento) apresenta ocorrência abaixo dos 500m de altitude, com registros para o oeste, norte e leste do Paraná, evitando os planaltos frios do centro e sul do estado. Pode ser caracterizado pelo mapeamento de *Caiman latirostris*, *Leposternon microcephalum*, *Chironius exoletus*, *C. laevicollis*, *Clelia plumbea*, *Dipsas indica*, *Spilotes pullatus*, *Micrurus corallinus* e *Bothrops jararacussu*. Em geral, são répteis de porte médio a grande, florestais (províncias PAR e ATL), com ampla distribuição acima do trópico de Capricórnio.

**Padrão 2.** Limitado à província ATL, aparece um segundo elemento com espécies predominantemente flores-

<sup>19</sup> Parte desses padrões e elementos foi reconhecida e apresentada por MORATO, S. A. A.; BÉRNILS, R. S. & MOURA-LEITE, J. C. Padrões de distribuição da fauna de répteis das Florestas com Araucária do sul do Brasil. In: Congresso Latino-americano de Herpetologia, 3; Campinas. Anais..., 1993. MORATO, S. A. A. *Padrões de distribuição da fauna de serpentes da Floresta de Araucária e ecossistemas associados na Região Sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1995.

tais. São répteis próprios da floresta ombrófila densa e/ou de restingas, com distribuição desde a Bahia até pelo menos o litoral do Paraná (podendo atingir o Rio Grande do Sul), mas também com espécies exclusivas das porções elevadas da Serra do Mar. Esse elemento é reconhecido no Paraná pelos registros de *Diploglossus fasciatus*, *Placosoma* spp., *Atractus trihedrurus*, *Chironius fuscus*, *C. multiventris*, *Dipsas albifrons*, *D. alternans*, *D. neivai*, *Erythrolamprus aesculapii*<sup>20</sup>, *Helicops carinicaudus*, *Imantodes cenchoa*, *Liophis amarali*, *Taeniophallus persimilis*, *Tropidodryas serena*, *Uromacerina ricardinii* e *Micrurus decoratus*.

**Padrão 3.** Os répteis que possuem registros tanto para a ATL quanto para a ARA, e apenas para essas duas províncias, constituem um terceiro elemento, detectado e bem delineado por Sérgio Morato<sup>21</sup>. Caracterizam esse padrão as espécies: *Anisolepis grilli*, *Enyalius iheringii*, *Colobodactylus taunayi*, *Atractus zebrinus*, *Echinanthera cephalostriata*, *Oxyrhopus clathratus*, *Pseudoboa haasi*, *Sibynomorphus newwiedii*, *Sordellina punctata*, *Tropidodryas striaticeps* e *Xenodon newwiedii*. Mesmo presentes em ambas as províncias, essas espécies avançam timidamente em direção oeste, mantendo-se, em sua maioria, restritas às áreas mais orientais.

**Padrão 4.** Algumas poucas serpentes, endêmicas da província ARA, caracterizam o quarto elemento encontrado no Paraná: *Clelia hussami*, *Philodryas arnaldoi*, *Xenodon guentheri* e *Bothrops cotiara*. Ocupam somente as porções mais elevadas e frias dos planaltos e serras interioranas, onde predomina a Floresta de Araucária (ombrófila mista), havendo poucos registros para topônimos vizinhos a essas áreas. Os encontros de *Bothrops cotiara* para o estado de São Paulo são antigos e se limitam a áreas elevadas com Floresta de Araucária na divisa com o Paraná. Referências a esta espécie nas serras da Mantiqueira, Bocaina e Órgãos representam erros de identificação (confusão com *Bothrops fonsecai*) ou registros antigos, quando não se distinguem estas duas. O único registro de *Philodryas arnaldoi* para São Paulo<sup>22</sup> carece de confirmação, pois representa uma disjunção considerável.

**Padrão 5.** Eminentemente campestre, este elemento diz respeito à herpetofauna compartilhada apenas com as áreas abertas meridionais (províncias ARA e PAM); são espécies endêmicas dos campos planálticos ou predominantemente planas, com seu limite norte de ocorrência no estado do Paraná: *Cnemidophorus vacariensis*, *Stenocercus azureus*, *Teius ocellatus*, *Clelia rustica* e *Liophis flavifrenatus*.

<sup>20</sup> *E. aesculapii* em sua forma de mônades: vermelho-branco-preto-branco-vermelho.

<sup>21</sup> MORATO, S. A. A. *Op. cit.*, 1995.

<sup>22</sup> Franca, no norte de São Paulo, é apresentada como procedência de um dos parátipos da espécie em sua descrição original: AMARAL, A. Contribuição ao conhecimento dos ophidios do Brasil. VI. Uma nova espécie de Colubrideo opisthoglypho do gênero *Chlorosoma* Wagler, 1830. *Mem. Inst. Butantan*, 7:105-123, 1932.

**Padrão 6.** Um segundo elemento campestre aparece associado tanto aos campos sulinos quanto aos campos limpos setentrionais. São répteis heliófilos que podem ser subdivididos em dois grupos: um de espécies com ampla distribuição, cujo desenho corológico cruza o estado do Paraná de norte a sul, com continuidade tanto para Santa Catarina (e, muitas vezes, Misiones), quanto para São Paulo e Mato Grosso do Sul: *Boiruna maculata*, *Liophis almadensis*, *L. meridionalis*, *Mastigodryas bifossatus*, *Oxyrhopus rhombifer*, *Philodryas aestiva*, *P. patagoniensis*, *Sibynomorphus ventrimaculatus*, *Tantilla melanocephala*, *Waglerophis merremii*, *Bothrops alternatus* e *Crotalus durissus*. O outro grupo desse elemento tem espécies com distribuição limitada aos campos limpos, de áreas elevadas, conectados à Floresta de Araucária no sul e sudeste do Brasil, também cruzando o Paraná: *Atractus reticulatus*, *Ditaxodon taeniatus*, *Gomesophis brasiliensis*, *Phalotris reticulatus* e *Ptychophis flavovirgatus*.

**Padrão 7.** No norte e oeste do estado, sempre abaixo dos 500m de altitude, aparece um elemento que, de forma semelhante ao Padrão 1, não avança sobre os planaltos frios. Esse elemento é evidenciado pelo mapeamento de *Phrynops geoffroanus*, *Enyalius perditus*, *Stenocercus caducus*, *Tropidurus torquatus*, *Mabuya frenata*, *Apostolepis assimilis*, *A. dimidiata*, *Atractus taeniatus*, *Chironius flavolineatus*, *Hydrodynastes gigas*, *Leptophis abaelulla*, *Liophis frenatus*, *L. reginae*, *Pseudoboa nigra*, *Sibynomorphus mikani* e *Bothrops diporus*. As espécies deste elemento estão geográfica e ecologicamente conectadas às formações do Brasil Central, com alguns répteis próprios da província PAR e outros oriundos de formações heliófilas do Cerrado.

**Padrão 8.** Por fim, há répteis de amplo espectro corológico, que ocupam três províncias biogeográficas sem correspondência aparente com tipos vegetacionais, clima, altitude ou situação geográfica – e mesmo, em sua maioria, pouco sensíveis a muitas alterações antrópicas. Enquadram-se nesse perfil: *Hydromedusa tectifera*, *Cercosaura schreibersii*, *Ophiodes striatus*, *Tupinambis merianae*, *Chironius bicarinatus*, *Echivanthera cyanopleura*, *Liophis miliaris*, *Tomodon dorsatus* e *Bothrops jararaca*.

Pelo que se levantou até o momento, o Paraná é o limite sul de distribuição de alguns répteis em território brasileiro: *Amphisbaena dubia*, *A. mertensi*, *Cercolophia roberti*, *Enyalius perditus*, *Stenocercus caducus*, *Tropidurus itambere*, *Ameiva ameiva*, *Cercosaura quadrilineata*, *Boa constrictor*, *Epicrates cenchria*, *Eunectes murinus*, *E. notaeus*,

<sup>23</sup> *E. aesculapii* em sua forma de díades: vermelho-preto-branco-preto-vermelho.

*Apostolepis assimilis*, *A. dimidiata*, *Chironius flavolineatus*, *C. quadricarinatus*, *Clelia bicolor*, *Erythrolamprus aesculapii*<sup>23</sup>, *Helicops gomesi*, *Leptodeira annulata*, *Liophis meridionalis*, *Oxyrhopus guibei*, *O. petola*, *Phalotris matogrossensis*, *P. mertensi*, *Philodryas mattogrossensis*, *Pseudoboa nigra*, *Rhachidelus brazili*, *Sibynomorphus mikani*, *Simophis rhinostoma*, *Micrurus lemniscatus*, *Bothrops itapetiningae*, *B. moojeni* e *B. pauloensis*. Por outro lado, as seguintes espécies parecem ter, neste estado, o seu limite setentrional de distribuição: *Phrynops williamsi*, *Amphisbaena prunicolor*, *Stenocercus azureus*, *Cnemidophorus vacariensis*, *Teius oculatus*, *Atractus taeniatus*, *Clelia hussami* e *Xenodon guentheri*.

### Santa Catarina

O estado de Santa Catarina ainda carece de herpetólogos residentes e coleções zoológicas bem estabelecidas, a despeito de esforços recentes e acervos nascentes em Blumenau (Universidade Regional de Blumenau), Florianópolis (Universidade Federal de Santa Catarina) e Porto União (Criadouro de Cobras de Porto União). Assim, os melhores dados sobre a composição herpetofaunística do estado estão em acervos herpetológicos de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, e em citações pontuais na literatura<sup>24</sup>.

Ao contrário de seus vizinhos, Santa Catarina não recebe influência do Cerrado, do Pampa ou do Parque Mesopotâmico. Abrange o extremo sul da província ATL e, em boa parte, da PAR, além de encerrar a área core da província ARA. Em função disso e, provavelmente, das condições climáticas adversas de seu planalto central, é certamente um dos estados brasileiros com mais baixa diversidade de répteis.

Ainda não há uma estimativa acurada da composição da sua fauna de répteis, mas com o conhecimento herpetológico disponível para Rio Grande do Sul, Paraná e Misiones, é possível arriscar alguns números. Em 1978, Thales de Lema<sup>25</sup> apresentou uma lista preliminar com 126 répteis para Santa Catarina, da qual 88 espécies tinham presença confirmada e outras 38 o autor classificou como de provável ocorrência. Desde então, muitos registros foram confirmados para o estado, outros se mostraram equivocados, e diversos foram os rearranjos taxonômicos feitos com os táxons arrolados por aquele autor. Assim, hoje se estima a existência de apenas 110 espécies de répteis para Santa

<sup>24</sup> Por exemplo LEMA, T. & FERREIRA, M. T. S. Contribuição ao conhecimento dos Testudines do Rio Grande do Sul (Brasil). Lista sistemática comentada (Reptilia). *Acta Biol. Leopold.*, 12(1): 125-64. 1990.

SAZIMA, I. *Op. cit.*, 1994. BÉRNILS, R. S.; MORATO, S. A. A. & MOURA-LEITE, J. C. *Imantodes cenchoa*, Geographic distribution. *Herpetol. Rev.*, 31(1):55-56, 2000.

<sup>25</sup> LEMA, T. Répteis e anfíbios. In: UFRGS & FATMA. *Estudos sobre o impacto ecológico da mineração e do beneficiamento do carvão na região sul do Estado de Santa Catarina*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) & Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (FATMA), 1978. p. 69-82.

<sup>26</sup> Estimativa feita para o presente estudo, com base principalmente em: LEMA, T. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comun. Mus. Ciênc. PUCRS (Zool.)*, 7: 41-150, 1994.

MOURA-LEITE, J. C.; MORATO, S. A. A. & BERNILS, R. S. New records of Reptiles from the State of Parana, Brazil. *Herpetol. Rev.*, 27(4):216-217, 1996.

BERNILS, R. S. *et al.* *Op. cit.*, 2001.

MARQUES, O. A. V. *et al.* *Op. cit.*, 2001.

Além de atualizações taxonômicas e de registros, como: FERNANDES, R. Variation and taxonomy of the *Atractus reticulatus* Complex (Serpentes: Colubridae). *Comun. Mus. Ciênc. Technol. PUCRS*, 8:37-53, 1995.

BERNILS, R. S. *et al.* *Op. cit.*, 2000.

DI-BERNARDO, M.; BORGES-MARTINS, M. & OLIVEIRA, R. B. Répteis. In: FONTANA, C. S.; BENCKE, G. A. & REIS, R. E. (org.). *Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 632 p.

CAMPBELL, J. A. & LAMAR, W. W. *The venomous reptiles of the Western Hemisphere*. 2 vol. Ithaca: Comstock Publ. Assoc., 2004. xviii + 898.

GANS, C. Checklist and bibliography of the Amphisbaenia of the World. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 289: 130 p., 2005.

HOLLIS, J. L. Phylogenetics of the genus *Chironius* Fitzinger, 1826 (Serpentes, Colubridae) based on morphology. *Herpetologica*, 62 (4):435-453, 2006.

<sup>27</sup> *E. aesculapii* em sua forma de diádes: vermelho-branco-preto-branco-vermelho.

<sup>28</sup> Por exemplo LEMA, T. Notas sobre os répteis do Estado do Rio Grande do Sul. I. Introdução ao estudo dos répteis do Estado do Rio Grande do Sul. I. Histórico. *Iheringia (Zool.)*, 10:5-18, 1958.

Catarina<sup>26</sup> (nenhuma endêmica), assim divididas: cinco quelônios marinhos, quatro de água doce, um jacaré, seis anfisbenídeos, 18 lagartos e 76 serpentes. Inventários bem feitos poderão acrescentar espécies até então não detectadas em Santa Catarina, mas são limitadas as chances dessa relação crescer, a não ser através de novos arranjos taxonômicos, como repartição de espécies e mudanças de *status* subespecíficos.

Todos os padrões corológicos desenhados para o Paraná (descritos anteriormente) apresentam continuidade em Santa Catarina, com resultados sempre complementares, jamais discordantes. As diferenças são apenas de composição de espécies em cada elemento, uma vez que, conforme exposto, a faixa latitudinal em que ocorre transição climática tropical para subtropical (trópico de Capricórnio) é o limite de distribuição de várias espécies. Dada a área reduzida de Santa Catarina (pouco mais de 95.000km<sup>2</sup>), nenhum outro elemento é percebido no estado, o que o torna relativamente simples de interpretar.

Levando em consideração apenas o território brasileiro, Santa Catarina é o limite sul de distribuição de alguns répteis, como *Ecleopopus gaudichaudii*, *Placosoma cordylinum*, *P. glabellum*, *Atractus trihedrurus*, *Chironius multiventris*, *Clelia hussami*, *Dipsas albifrons*, *D. indica*, *Elapomorphus quinquelineatus*, *Erythrolamprus aesculapii*<sup>27</sup> (forma de mônades), *Imantodes cenchoa*, *Liophis amarali*, *Siphlophis pulcher*, *Sordellina punctata*, *Tropidodryas serra* e *Xenodon guentheri*. Por outro lado, as seguintes espécies têm, neste estado, o seu máximo de distribuição setentrional: *Phrynops hilarii*, *Anops kingii*, *Liolaemus occipitalis* e *Taeniophallus poecilopogon*.

## Rio Grande do Sul

Diversas publicações herpetológicas abordando o Rio Grande do Sul estão disponíveis, sendo este estado um dos mais desenvolvidos em termos de conhecimento da fauna de répteis.<sup>28</sup> A grande maioria desses estudos (principalmente inventários e artigos de cunho sistemático) foi coordenada pelo pesquisador Thales de Lema, primeiro herpetólogo a se fixar no estado<sup>29</sup>, com produção contínua desde os anos 50. O seu pioneirismo rendeu também importante massa crítica, através de inúmeros orientados, companheiros de laboratório e estagiários, que hoje são a base da herpetologia sul-rio-grandense. Os esforços de Lema legaram ainda três dos acervos herpetológicos mais relevantes



LEMA, T. Análise geográfica dos répteis do Estado do Rio Grande do Sul. *Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro*, 54:61-62, 1971.

LEMA, T. Fauna de serpentes da Província Pampeana e inter-relações com as províncias limítrofes. *Mem. Inst. Butantan*, 46:173-182, 1982.

LEMA, T. Relações herpetofaunísticas do Rio Grande do Sul com os países vizinhos. *Veritas*, 29(115):421-429, 1984.

LEMA, T. Lista preliminar das serpentes registradas para o Estado do Rio Grande do Sul (Brasil Meridional) (Reptilia, Lepidosauria, Squamata). *Acta Biol. Leopoldensia*, 9(2): 225-240, 1987.

LEMA, T. Considerações sobre a herpetofauna das terras baixas de clima temperado do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Veritas*, 35 (137):99-107, 1990.

LEMA, T. *Op. cit.*, 1994.

<sup>29</sup> Anteriormente, apenas estudos clássicos, mas superficiais, haviam envolvido a herpetofauna do Rio Grande do Sul, destacando-se George A. Boulenger, Carlos Berg, Hermann von Ihering, Ambrósio Schupp e Rudolf Gliesch.

<sup>30</sup> Por exemplo VERRASTRO, L. & KRAUSE, L. Analysis of growth in a population of *Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885, from the coastal sand-dunes of Tramandaí, RS, Brazil. (Reptilia-Tropiduridae). *Stud. Neotrop. Fauna Envir.*, 29(2):99-111, 1994.

VERRASTRO, L. & BUJES, C. S. Ritmo de atividade de *Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885 (Sauria, Tropiduridae) na praia de Quintão, RS - Brasil. *Rev. Bras. Zool.*, 15(4):907-914, 1998.

VERRASTRO, L. & KRAUSE, L. Ciclo reprodutor de machos em *Liolaemus occipitalis* Boulenger, 1885. *Rev. Bras. Zool.*, 16(1):227-231, 1999.

OLIVEIRA, R. B. & DI-

do estado: Fundação Zoobotânica, Pontifícia Universidade Católica e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, todas em Porto Alegre.

Na seqüência, já próximo ao final do século XX, houve um segundo desenvolvimento da herpetologia gaúcha, com diversos trabalhos abordando ecologia, biologia e história natural de vários táxons.<sup>30</sup> Outros centros de estudos de répteis também surgiram, como as universidades de Santa Maria, Passo Fundo e Pelotas; nos últimos anos, várias teses com estudos de comunidades de serpentes foram desenvolvidas no estado, originando mais uma produtiva linha de pesquisa com répteis.<sup>31</sup>

Nos mais de 280.000km<sup>2</sup> de seu território (quase do tamanho de Paraná e Santa Catarina juntos), o Rio Grande do Sul abarca as porções terminais meridionais das províncias PAR, ARA e ATL (esta, minúscula), todas na sua metade norte-nordeste. O restante do estado é ocupado pelo extremo norte da província PAM, aproximando-se, a oeste, da província CHA. Essas condições garantem uma diversidade estimada em 114 espécies<sup>32</sup>, maior do que a encontrada nos vizinhos Santa Catarina e Uruguai: cinco quelônios marinhos, seis de água doce, um jacaré, seis anfisbenídeos, 21 lagartos e 75 serpentes.

A fauna de répteis do Rio Grande do Sul também é plenamente compatível com os oito padrões citados para Paraná e Santa Catarina, mas com algumas particularidades. Primeiramente há que se destacar a existência de um nono elemento, que é compartilhado com o Uruguai e boa parte da Argentina neotropical: o pampiano. Na porção gaúcha da província PAM, há um número expressivo de espécies com ocorrências congruentes, exclusivamente da planície para o sul, ora espalhadas por toda a sua extensão, ora limitadas a ambientes peculiares do litoral ou do interior. Caracterizando esse elemento, destacam-se *Trachemys dorbigni*, *Amphisbaena darwini*, *A. munoai*, *Anisolepis undulatus*, *Liolaemus arambarensis*, *Homonota uruguayensis*, *Leptotyphlops munoai*, *Atractus thalesdelemai*, *Calamodontophis paucidens*, *Liophis anomalus*, *L. semiaureus*, *Psomophis obtusus*, *Tomodon ocellatus* e *Bothrops pubescens*.

Outra peculiaridade que deve ser levada em consideração ao se aplicar ao Rio Grande do Sul os padrões corológicos observados no Paraná, é a limitada extensão de ocorrência das três províncias da sub-região Paranaense (PAR, ARA e ATL). Isso faz com que algumas espécies que carac-



BERNARDO, M. *Lystrophis dorbignyi* (Nariguda). Diet. *Herpetol. Rev.*, 32(1):49, 2001.

OLIVEIRA, R. B.; DI-BERNARDO, M.; PONTES, G. M. F.; MACIEL, A. P. & KRAUSE, L. Dieta e comportamento alimentar da cobra-nariguda, *Lystrophis dorbignyi* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854), no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil. *Cuad. Herpetol.*, 14(2):117-122, 2001.

MACIEL, A. P.; DI-BERNARDO, M.; HARTZ, S. M.; OLIVEIRA, R. B. & PONTES, G. M. F. Seasonal and daily activity patterns of *Liophis poecilogyrus* (Serpentes: Colubridae) on the north coast of Rio Grande do Sul, Brazil. *Amphibia-Reptilia*, 24:189-200, 2003.

RUFFATO, R.; DI-BERNARDO, M. & MASCHIO, G. F. Dieta de *Thamnodynastes strigatus* (Serpentes, Colubridae) no sul do Brasil. *Phyllomedusa*, 2(1):27-34, 2003.

CAPELLARI, L. H.; LEMA, T.; ROCHA, C. F. D. & BALESTRIN, R. L. *Teius oculatus* (Green Lizard). Hatching and Clutch Size. *Herpetol. Rev.*, 35(2):172-173, 2004.

AGUIAR, L. F. S. & DI-BERNARDO, M. Reproduction of the water snake *Helicops infrataeniatus* Jan, 1865 (Colubridae) in southern Brazil. *Amphibia-Reptilia*, 26:527-533, 2005.

BALESTRIN, R. L. & DI-BERNARDO, M. Reproductive biology of *Atractus reticulatus* (Boulenger, 1885) (Serpentes, Colubridae) in Southern Brazil. *Herpetol. J.*, 15:195-199, 2005.

HARTMANN, M. T.; HARTMANN, P. A.; CECHIN, S. T. Z. & MARTINS, M. R. C. Feeding habits and habitat use in *Bothrops neuwiedi pubescens* (Viperidae, Crotalinae) in southern Brazil. *J. Herpetol.*, 39(4):664-667, 2005.

ZANELLA, N. & CECHIN, S. T. Z. Taxocenose de ser-

terizam os elementos não apareçam nos mapas de distribuição desenhados exclusivamente para o Rio Grande do Sul, simplesmente porque os seus registros não chegam a alcançar uma ou outra província neste estado. Como exemplo, *Oxyrhopus clathratus*, *Pseudoboia haasi* e *Xenodon neuwiedi*, que contam com registros em ARA e ATL para Paraná e Santa Catarina, aparecem, no Rio Grande do Sul, somente em ARA ou somente em ATL.

Já as espécies que caracterizam elementos de uma única província (portanto endêmicas a ela), repetem fidedignamente os padrões encontrados nos estados brasileiros citados. Em território gaúcho, por exemplo, *Dipsas alternans*, *Helicops carinicaudus* e *Uromacerina ricardinii* são endêmicos de ATL; e *Cnemidophorus vacariensis*, *Philodryas arnaldoi* e *Bothrops cotiara* são endêmicos de ARA – sempre salientando que uma parte dessa fauna de ARA é essencialmente florestal, enquanto outra parte é constituída por répteis campícolas, caracterizando padrões corológicos distintos.

Por fim, sendo o Rio Grande do Sul, junto com Misiones, o limite sul das florestas que compõem as províncias PAR, ARA e ATL, é natural que represente também o máximo meridional de ocorrência atual de diversos répteis florestais, como as nove serpentes citadas nos parágrafos anteriores e mais uma quantidade significativa de outros Squamata.

## Uruguai

Dentro da superfície de 177.000km<sup>2</sup> que apresenta o Uruguai, observa-se uma diversidade de 66 espécies de répteis (algumas das quais invasoras), com uma ampla maioria de serpentes Colubridae (aproximadamente 45% do total de espécies). A distribuição desses táxons dentro do território é variável de acordo com os diferentes grupos, e também pelo país ser limite de distribuição para algumas espécies.

Assim, há espécies que ocorrem unicamente nos departamentos banhados pelo rio Uruguai, correspondendo ao limite da sub-região Chaquenha (província CHA), como *Leptophis abaelulla*. Outros táxons, como *Leposternon microcephalum* e *Sibynomorphus turgidus*, também aparecem junto ao rio Uruguai, mas sua área de extensão ultrapassa os limites do país (para o Brasil), não podendo ser interpretada como distribuição limitada pela província CHA.

pentos no Planalto Médio do Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. Bras. Zool.*, 23(1):211-217, 2006.

<sup>31</sup> DI-BERNARDO, M. *História natural de uma comunidade de serpentes da borda oriental do Planalto das Araucárias, Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1998.

CECHIN, S. T. Z. *História natural de uma comunidade de serpentes na região da Depressão Central (Santa Maria), Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

ZANELLA, N. *História natural de uma comunidade de serpentes no Planalto Médio do Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

OUTEIRAL, A. B. *História natural de uma comunidade de serpentes na Serra do Sudeste, Campos Sulinos, Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

OLIVEIRA, R. B. *História natural da comunidade de serpentes de uma Região de Dunas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

<sup>32</sup> Estimativa feita para o presente estudo, com base principalmente em LEMA, T. *Op. cit.*, 1994, além de atualizações taxonômicas e de registros recentes, como: FELTRIM, A. C. & LEMA, T. Uma nova espécie de *Cnemidophorus* Wagler, 1830 do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Sauria: Teiidae). *Biociências*, 8(1):103-114, 2000.

DI-BERNARDO, M.; BORGES-MARTINS, M. & OLIVEIRA, R. B. Proposed

Espécies como *Chironius bicarinatus* e *Helicops infrataeniatus* ocorrem em departamentos mais setentrionais (Artigas, Salto e Rivera), estendendo-se para o sul pelos departamentos limítrofes ao Brasil (Cerro Largo, Treinta y Tres e Rocha), cruzando da província CHA à província PAM e, deste modo, ingressando em território brasileiro. Alguns répteis, por outro lado, apresentam-se distribuídos por todo o território uruguaio, como *Trachemys dorbigni*, *Hydromedusa tectifera*, *Amphisbaena darwini*, *Cercosaura schreibersii*, *Teius oculatus*, *Tupinambis merianae*, *Leptotyphlops munoai*, *Philodryas aestiva*, *P. patagoniensis*, *Liophis anomalus*, *L. poecilogyrus*, *L. semiaureus*, *Psomophis obtusus*, *Lystrophis dorbignyi* e *Bothrops alternatus*<sup>33</sup>.

Durante as inundações na mesopotâmia argentina, constata-se um fenômeno interessante e pouco referido na literatura, mas de grande importância para Argentina e Uruguai. O arrasto de material vegetal flutuante, principalmente do gênero *Eichhornia* (aguapés ou camalotes), leva consigo um grande número de exemplares de répteis, principalmente do gênero *Helicops*, reconhecendo-se duas formas, *H. leopardinus* e *H. infrataeniatus*. Esses eventos ocorrem em períodos de tempo variáveis, havendo registros bibliográficos para o Uruguai desde 1900. Outras espécies que dessa forma chegam às costas dos departamentos de Colonia, San José, Montevideo, Canelones e Maldonado, são *Liophis jaegeri*, *L. semiaureus* e *Thamnodynastes hypoconia*. Existe também um registro de *Thamnodynastes chaquensis*, espécie de distribuição habitual nas províncias do norte argentino, o que torna marcante esse tipo de evento e levanta questões sobre a sua importância em distribuições naturais descontínuas.

Por outro lado, e com base apenas nas informações disponíveis, exemplares de *Helicops* que chegam às costas meridionais do Uruguai, a partir da Argentina, parecem não conseguir estabelecer populações, embora as condições climáticas e ambientais sejam favoráveis para tal. Os motivos possíveis poderiam ser: o número reduzido de indivíduos, a baixa sobrevivência devido ao transporte em condições difíceis, o alto estresse, entre outras. Em geral se desconhece o impacto desse fenômeno sobre as populações de répteis que naturalmente se encontram na área em que chegam exemplares da Argentina.

Associados aos cordões arenosos costeiros, há diversos lagartos, dos quais se destacam as espécies do gênero *Liolaemus*. Já nas zonas serranas, que correspondem às escassas elevações do Uruguai, encontra-se uma fauna dife-

deletion of eight species of snakes from the Brazilian State of Rio Grande do Sul herpetofauna. *Comun. Mus. Ciênc. Tecnol. PUCRS (Zool.)*, 17(1):45-50, 2004.

CAMPBELL, J. A. & LAMAR, W. W. *Op. cit.*, 2004.

GANS, C. *Op. cit.*, 2005.

PASSOS, P.; FERNANDES, R. & ZANELLA, N. A new species of *Atractus* (Serpentes: Colubridae) from south Brazil. *Herpetologica*, 61(2): 209-218, 2005.

GIRAUDO, A. R.; ARZAMENDIA, V. & CACCIALI, P. Geographic variation and taxonomic status of the southernmost populations of *Liophis miliaris* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Colubridae). *Herpetol. J.*, 16:213-220, 2006.

<sup>33</sup> ACHAVAL, F. *Op. cit.*, 2001.

<sup>34</sup> CARREIRA, S. *et al. Op. cit.*, 2005.

rente, principalmente associada a ambientes de morros pedregosos, da qual se destacam *Amphisbaena munoai*, *Cnemidophorus lacertoides*, *Lystrophis histricus*, *Tropidurus torquatus* e *Homonota uruguayensis* como espécies com distribuições congruentes.

A despeito das relações espécie-região acima abordadas, e do país se encontrar totalmente inserido na província biogeográfica PAM, a distribuição dos répteis no território uruguaio não é facilmente associada a ambientes claramente definidos. Constata-se uma diversidade maior nos departamentos do norte do país, onde se registra o ingresso dos elementos associados às faunas de áreas relictuais pertencentes às sub-regiões Chaquenha e Paranaense.

Dois espécies de répteis invasores são conhecidas em território uruguaio. Há o gecko mauritânico, *Tarentola mauritanica*, com colônias apenas no departamento de Montevideo, em áreas altamente urbanizadas da cidade, possivelmente devido ao transporte de mercadorias provenientes da Europa. Esse geconídeo está ampliando sua presença na capital uruguaia, estendendo-se lentamente para outras áreas da cidade. E há também o gecko centro-africano, *Hemidactylus mabouia*, ocasionalmente encontrado no departamento de Montevideo, mas sempre em casos isolados. Recentemente foram coletados adultos e jovens desta espécie no departamento de Rivera, evidenciando que ela também teve êxito em estabelecer populações estáveis nessa região, sempre em áreas urbanas.<sup>34</sup>

Devido à perda de hábitat provocada pelo homem, vários táxons tiveram sua área histórica de distribuição reduzida no país, como é o caso de *Taeniophallus poecilopogon*, extinta para o departamento de Montevideo e imediações. Com base nos registros das coleções nacionais, observa-se que o último registro desta espécie no departamento citado corresponde ao ano de 1890, embora ainda seja assinalada em outros departamentos.

Também se observa um deslocamento importante para a cobra cascavel, *Crotalus durissus*, pela modificação de hábitat que sofreram algumas áreas do sul do território, devido à expansão da indústria do turismo, o que permite evidenciar possivelmente a primeira extinção numa área importante de um réptil no Uruguai. A modificação do hábitat é um produto direto do impacto produzido pela enorme procura de lugares para a construção de casas de temporada, o que reduziu notavelmente as áreas verdes e aumentou o fluxo de pessoas em regiões montanhosas e unidades de conservação, particularmente nas proximidades

de Piriápolis (departamento de Maldonado). Da mesma forma, o crescente investimento em vias de transporte e obras de infra-estrutura básica para suportar essa demanda turística, tem impactado diretamente as áreas naturais. O chamado agroturismo também tem deslocado o público para áreas que antes não eram habitadas, principalmente durante o verão. Até aproximadamente 50 anos atrás, a cascavel era encontrada com relativa frequência no departamento de Maldonado, particularmente no monte Pan de Azucar, serra das Palmas, e no monte del Toro, em Piriápolis.<sup>35</sup> Durante mais de dois anos têm sido feitos múltiplos contatos com os habitantes locais, principalmente na região de Piriápolis, buscando obter alguma informação sobre *Crotalus durissus*, inclusive com as polícias locais, mas não são obtidas confirmações de encontro desde 1996. O último registro com material coletado data de 1979 e se encontra aparentemente sob custódia do Museu Municipal de Piriápolis. Atualmente esta espécie é considerada como de máxima prioridade de conservação no Uruguai<sup>36</sup> e foi incorporada à lista nacional de espécies protegidas, devido à ausência de registros atuais nas áreas mencionadas. Os únicos registros recentes provêm do norte do país, nos departamentos de Rivera e Artigas.

Outra espécie muito importante sob o ponto de vista da conservação é *Anisolepis undulatus*, um pequeno lagarto que aparentemente se encontra extinto no território argentino, e é escasso em território brasileiro. A maior área de distribuição atual da espécie é o Uruguai, onde a frequência de coleta é extremamente reduzida. Alguns espécimes foram encontrados recentemente, e este lagarto aparentemente não é associado a nenhum ambiente em especial, aparecendo tanto em áreas costeiras no sul do país, como sobre arbustos, em áreas montanhosas do norte do território.

Os quelônios de água doce estão representados por cinco espécies, das quais vale destacar *Acanthochelys spixii*, que embora seja considerada espécie quase em perigo de extinção<sup>37</sup>, é frequente no Uruguai, particularmente no departamento de Rocha. Mesmo que sua distribuição seja bastante reduzida no país, nas áreas em que ela se encontra costuma ser comum. Por outro lado, *Phrynops williamsi* é considerada rara no Uruguai, com sua presença atual confirmada em Paso Centurión (departamento de Cerro Largo) pelos últimos estudos sobre a espécie.<sup>38</sup> A sua distribuição segue o padrão de outros táxons no país, como os mencionados *Chironius bicarinatus* e *Helicops infrataeniatus*. As mais frequentes espécies de quelônios no Uruguai são *Trachemys dorbigni*<sup>39</sup>, *Hydromedusa tectifera* e *Phrynops hilarii*.

<sup>35</sup> SIRI, M. Ocurrencia de la Serpiente de Cascabel en el Cerro Pan de Azucar (Maldonado). *Rev. Urug. Geogr.*, 1(1):70-76, 1950.

<sup>36</sup> MORALES FAGUNDES, S. & CARREIRA, S. Calificación del estado de conservación de la fauna de ofidios (Reptilia, Squamata, Serpentes) de Uruguay. *Facena*, 16: 45-51, 2001.

<sup>37</sup> *Near threatened*, pela classificação da IUCN: TORTOISE & FRESHWATER TURTLE SPECIALIST GROUP. *Acanthochelys spixii*. In: IUCN 2006. 2006 IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em <http://www.iucnredlist.org>, acessado em 17 de setembro de 2006.

<sup>38</sup> MAGNONE, L.; CLAVIJO-BAQUET, S.; ACHAVAL, F. & BESSONART, M. Aportes sobre la biología de *Phrynops williamsi* Rhodin & Mittermeier 1983, en Uruguay. *Actas de las VIII Jornadas de Zoología del Uruguay*, 2005. p. 52.

<sup>39</sup> Comercializada de forma ilegal: CARREIRA, S. *et al.* *Op. cit.*. 2005.

## Argentina

<sup>40</sup> MORRONE, J. J. *Op. cit.*, 2001.

<sup>41</sup> *sensu* LAVILLA, E. O.; RICHARD, E. & SCROCCHI, G. J. *Categorización de los anfibios y reptiles de la República Argentina*. San Miguel de Tucumán: Asociación Herpetológica Argentina, 2000. 97 p.

A região Neotropical, conforme definida por Morrone<sup>40</sup>, inclui uma área muito extensa na Argentina, cerca de 1.800.000km<sup>2</sup>, com uma rica história geológica, geomorfológica e climática que determinou condições atuais muito heterogêneas, abarcando desde áreas subtropicais florestais, úmidas e quentes (como as províncias YUN e PAR), até regiões temperadas e secas (como na província MON). Essa diversidade ambiental e histórica se traduz numa rica fauna de répteis, composta por 235 espécies, que representam mais de 75% dos 313 répteis conhecidos para a Argentina.<sup>41</sup> Deste total, 232 espécies são autóctones e somente três Gekkonidae, *Hemidactylus mabouia*, *H. turcicus* y *Tarentola mauritanica*, são espécies introduzidas, ainda que tenham colonizado algumas cidades da região leste (províncias de Misiones, Santa Fe e Buenos Aires).

Desde o Mesozóico, alguns dos eventos geológicos, geomorfológicos e climáticos, históricos e atuais, configuraram uma região sumamente heterogênea. Alguns desses eventos serão discutidos a seguir, usando como marco natural para analisar a composição e distribuição das espécies de répteis desta região da Argentina, as divisões biogeográficas PAR, ARA, PAM, YUN, CHA e MON.

Nas porções subtropical e temperada da Argentina se reconhece a influência dos principais elementos que modelaram sua herpetofauna. Em primeiro lugar, elementos reptilianos neotropicais (origem amazônica, paranaense-atlântica e ampla distribuição neotropical) com forte influência sobre a fauna das províncias PAR, ARA, YUN e CHA. Estas áreas têm uma fauna muito rica em serpentes, que constituem, respectivamente, 76%, 69%, 53% e 59% da herpetofauna das províncias biogeográficas mencionadas. São bem representadas as famílias Colubridae, com gêneros como *Atractus*, *Imantodes*, *Chironius*, *Dipsas*, *Leptodeira*, *Liophis*, *Helicops*, *Oxyrhopus*, *Sibynomorphus*, *Pseudoeryx* e *Thamnodynastes*, a família Viperidae, com oito espécies de *Bothrops*, e a família Elapidae, com cinco espécies de *Micrurus*. A influência tropical diminui gradualmente em direção ao sul e oeste das províncias PAM e MON, onde a influência andino-patagônica se faz evidente mediante os bem diversificados lagartos Iguania, dos gêneros *Liolaemus* e *Pristidactylus*. Na província MON, a fauna de lagartos se torna dominante, compreendendo 61% dos répteis, enquanto diminui a riqueza de serpentes, que constituem 32% da sua herpetofauna. A província PAM constitui uma



grande transição entre as faunas tropical-subtropical e andino-patagônica, apresentando poucos elementos endêmicos, com 31% da sua fauna de répteis sendo constituída por lagartos, e 48% por serpentes.

Se forem excluídas da análise as tartarugas marinhas (três espécies), que apenas ocasionalmente são registradas na costa da província de Buenos Aires (província biogeográfica PAM)<sup>42</sup>, os demais quelônios representam entre 3 e 8% da fauna de répteis das províncias analisadas. A fauna de quelônios das províncias PAR, ARA e PAM, não apenas na Argentina, é constituída principalmente por cágados da família Chelidae, enquanto que na província MON ocorrem duas espécies de jabuti do gênero *Geochelone* (Testudinidae), adaptadas a regiões áridas. A província CHA apresenta tanto Chelidae quanto Testudinidae, e na sua porção setentrional conta com uma espécie de distribuição tropical, *Kinosternon scorpioides* (Kinosternidae). Chama a atenção a ausência de quelônios na província YUN.

As províncias PAR e ARA ocupam, na Argentina, cerca de 30.000km<sup>2</sup>, principalmente em Misiones, e contêm uma fauna de répteis estreitamente relacionada com o sudeste do Brasil, compartilhando muitas espécies com Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em sua maioria, são espécies de ascendência tropical, próprias de matas úmidas, e muitas delas são endêmicas dessas ecorregiões, como *Phrynops williamsi*, *Amphisbaena mertensi*, *Anisolepis grilli*, *Liotyphlops beui*, *Echinthra cyanopleura*, *Oxyrhopus clathratus*, *Sibynomorphus ventrimaculatus* e *Bothrops jararacussu*. Na Argentina, a floresta de araucária é marginal, ocupa uma escassa superfície de 2.100km<sup>2</sup>, sempre acima dos 500 metros de altitude e, diferentemente do Brasil, não possui áreas entremeadas com campos, aparecendo completamente rodeada por (ou incluída em) áreas de floresta estacional. Sofreu forte desmatamento durante o século XX, comprometendo seu estado de conservação.<sup>43</sup> Duas espécies endêmicas desse bioma foram registradas para a Argentina, *Pseudoboa haasi* e *Bothrops cotiara*, não tendo sido encontradas outras presentes no Brasil, como *Philodryas arnaldoi* e *Xenodon guentheri*. Já as florestas estacionais, conhecidas como *bosques subtropicales paranaenses* na Argentina, se estendem ao longo dos grandes rios da bacia do Rio da Prata, principalmente seguindo o rio Uruguai, e alguns de seus répteis típicos, como *Atractus taeniatus* e *Chironius bicarinatus*, alcançam latitudes temperadas através desse rio – embora a maioria das espécies próprias de PAR não alcance latitudes altas pelo rio Paraná.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> CEI, J. M. *Op. cit.*, 1993.

<sup>43</sup> GIRAUDO, A. R.; POVEDANO, H.; BELGRANO, M. J.; PARDYNAS, U.; MIQUELARENA, A.; LIGIER, D.; KRAUCZUK, E.; BALDO, D. & CASTELINO, M. Biodiversity status of the Interior Atlantic Forest of Argentina. Chapter 15. In: GALINDO-LEAL, C. & CÂMARA, I. G. (eds.). *Atlantic Forest of the South America: Biodiversity status, threats, and outlook*. Washington: Island Press, 2003. p. 160-180.

<sup>44</sup> GIRAUDO, A. R. *Op. cit.*, 2001.



Outros padrões de distribuição interessantes e que merecem destaque são os seguintes: 1) a existência de espécies endêmicas da região de transição entre PAR e CHA, como *Apostolepis quirogai*, conhecida apenas desse ecótono e para o Rio Grande do Sul<sup>45</sup>, o que também tem sido notado em algumas espécies de anfíbios, como *Melanophryniscus krauzucki*<sup>46</sup>, na mesma região; 2) nessa região de transição entre PAR e CHA, também foram registradas as populações mais meridionais de répteis característicos dos planaltos brasileiros, como *Clelia quimi* e *Phalotris reticulatus*, habitando áreas de altitude entre 40 e 180m. Possivelmente existe uma compensação climática entre maior latitude e menor altitude, possibilitando que essas espécies habitem zonas baixas em latitudes maiores; 3) a presença de algumas espécies próprias do Cerrado e outras espécies tropicais e do Brasil Central, que têm seu limite de distribuição meridional coincidente com o extremo noroeste de Misiones, junto ao rio Paraná, como *Chironius exoletus*, *Oxyrhopus petola*, *Sibynomorphus mikanii* e *Bothrops moojeni*. A fauna de répteis da província PAR é uma das mais diversas na Argentina, com 97 táxons registrados, muitos dos quais com distribuição cruzando o trópico de Capricórnio e limite meridional nessa região.

A província CHA ocupa uma extensa planície com altitude sempre inferior aos 250m, desde o sul da Bolívia e o oeste do Paraguai, estendendo-se na Argentina por cerca de 1.200km de latitude e 400 a 500km de largura, salpicada por depressões salobras.<sup>47</sup> A região chaquenha está debruada pela bacia do eixo fluvial Paraguai-Paraná a leste, e pela região do MON com os primeiros contrafortes das cordilheiras sub-andinas e das Yungas a oeste. Sua vegetação está constituída principalmente por matas xerófilas, adaptadas a climas secos e quentes, com elementos arbóreos dominantes dos gêneros *Schinopsis*, *Acacia*, *Aspidosperma* e *Prosopis*, entre outros, sendo comumente relacionada com a região xerófila da Caatinga, no Brasil – ambas são formações do Domínio Chaquenho (com certa equivalência com a Sub-Região Chaquenha de Morrone).<sup>48</sup> Considerando a distribuição dos répteis, pode-se dividir a área do CHA, que abarca cerca de 800.000km<sup>2</sup> na Argentina, em duas regiões fundamentais<sup>49</sup>: o Chaco Úmido ou Oriental, e o Chaco Seco ou Ocidental.

O primeiro se caracteriza por maiores precipitações (entre 900 e 1.300mm anuais) e é fortemente influenciado pelo eixo fluvial Paraguai-Paraná. Essa região se relaciona florística e faunisticamente com o Pantanal brasileiro, pos-

<sup>45</sup> LEMA, T. & CAPELARI, L. H. *Apostolepis quirogai*. Geographic distribution. *Herpetol. Review*, 32:121, 2001.

<sup>46</sup> BALDO, D. & BASSO, N. A new species of *Melanophryniscus* Gallardo, 1961 (Anura: Bufonidae), with comments on the species of the genus reported for Misiones, Northeastern Argentina. *Journal of Herpetology*, 38:393-403, 2004.

<sup>47</sup> CEI, J. M. *Op. cit.*, 1993.

<sup>48</sup> CABRERA, A. L. & WIL-LINK, A. *Op. cit.*, 1973. MORRONE, J. J. *Op. cit.*, 2001.

<sup>49</sup> CABRERA, A. L. & WIL-LINK, A. *Op. cit.*, 1973.

sui matas sub-úmidas de *Schinopsis balansae*, palmeirais de *Copernicia alba*, matas de galeria, campos herbáceos e grande abundância de áreas alagáveis, como várzeas, banhados, brejos e lagunas. Entre os répteis endêmicos destas regiões se encontram: *Amphisbaena hiata*, *Anisolepis longicauda*, *Liolaemus azarai* (endêmica em dunas da porção ocidental de Corrientes), *Kentropyx viridistriga*, *Atractus paraguayensis*, *Clelia bicolor* (esta com alguns registros no ecótono entre CHA e YUN), *Hydrops caesurus*, *Philodryas mattogrossensis* e *Thamnodynastes chaquensis*. São muito abundantes e características desta região do Chaco, espécies aquáticas como *Phrynops hilarii*, *Eunectes notaeus*, *Helicops leopardinus*, *Hydrodynastes gigas* e *Liophis semiaureus*. O eixo Paraguai-Paraná Médio se constitui num corredor para espécies tropicais, principalmente de origem amazônica, tais como *Caiman yacare*, *Atractus snethlageae*, *Imantodes cenchoa* e *Pseudoeryx plicatilis*, que se encontram em ambientes aquáticos e matas de galeria dos grandes rios a centenas de quilômetros ao sul de suas distribuições centrais. Este inusitado padrão de distribuição pode ser explicado por fatores históricos (por exemplo, o rio Paraguai teria sido um afluente do Amazonas no Terciário), geográficos (as nascentes do Paraguai se encontram no limite da floresta amazônica) ou ecológico-dispersionistas (o rio funcionaria como um corredor favorável para essas espécies se estenderem para o sul).<sup>50</sup>

<sup>50</sup> ARZAMENDIA, V. *Op. cit.*, 2006.

GIRAUDO, A. R. & ARZAMENDIA V. ¿Son los humedales fluviales de la Cuenca del Plata, corredores de biodiversidad? Los amniotas como ejemplo. *In*: NEIFF, J. J. (ed.). *Humedales de Iberoamérica*. Havana: CYTED, Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo & RIHU Red Iberoamericana de Humedales, 2004. p. 157-170.

<sup>51</sup> SCROCCHI, G. J. & GIRAUDO, A. R. Reptiles de la Reserva El Bagual. *In*: DI GIACOMO, A. G. & KRÄPOVICKAS, S. F. (eds.). *Historia Natural y paisaje de la Reserva El Bagual*, Provincia de Formosa, Argentina. Inventario de la Fauna de vertebrados y de la flora vascular de un áreas protegida del Chaco Húmedo. *Temas de la Naturaleza y Conservación*, 4:1-592, 2005. p. 155-198.

O Chaco Ocidental se caracteriza por um maior déficit de chuvas, com precipitações entre 600 e 800mm, e é marcado por matas secas dominadas por *Schinopsis quebrachocolorado*. Entre os répteis endêmicos dessa porção seca do CHA se encontram *Urostrophus gallardoi*, *Liolaemus chacoensis*, *Tropidurus spinulosus*, *T. etheridgei*, *Kentropyx lagartija*, *Amphisbaena bolivica*, *Liophis guentheri*, *Philodryas baroni*, *Phimophis vittatus* e *Sibynomorphus lavillai*. São característicos do Chaco Seco: o jabuti *Geochelone chilensis* (que também habita MON) e duas formas endêmicas de Boidae, *Boa constrictor occidentalis* e *Epicrates cenchria alvarezi*, adaptadas a condições xéricas. Umhas poucas espécies são endêmicas e compartilhadas pelos chacos seco e úmido, como *Acanthochelys pallidipectoris* e *Leptotyphlops vellardi*. Comparações entre as comunidades de répteis de localidades dos dois chacos mostram uma baixa similaridade faunística<sup>51</sup>, existindo muitas espécies que habitam o Chaco Seco (chs) e são substituídas, no Chaco Úmido (chu), por espécies possivelmente vicariantes, mais mesófilas. Como exemplos, citam-se *Teius teyou* (chs) x

*T. oculatus* (chu) e *Tupinambis rufescens* (chs) x *T. merianae* (chu), que ocupam as regiões ocidental e oriental alternativamente, existindo áreas de contato entre essas espécies, em áreas de transição entre os dois chacos – tais espécies geralmente se distribuem em ecorregiões adjacentes (YUN, PAR, ARA, PAM, MON). Alguns dos eventos geomorfológicos que podem ter influenciado esses padrões de diferenciação da fauna chaquenha são as ingressões marinhas, que ocorreram desde o Terciário e continuaram durante os períodos glaciais e interglaciais, bem como condições ecológicas modeladas pela alternância entre climas úmidos e secos durante os períodos mencionados. Essas ingressões alcançaram até o norte argentino, pelo eixo Paraguai-Paraná.<sup>52</sup> Elementos tropicais e subtropicais estão presentes principalmente na área boreal do Chaco, com espécies como *Geochelone carbonaria* e *Polychrus acutirostris* (Formosa, Chaco e Salta). A província CHA, sendo a ecorregião mais extensa da Argentina, tem uma elevada diversidade de répteis, composta por 116 espécies, ainda que sua riqueza seja maior ao norte, diminuindo em direção ao sul.

Entre os padrões de endemismo que valem ser mencionados, encontram-se aqueles confinados ao sistema das serras pampianas, que constituem maciços relativamente baixos e muito desgastados, variando de 800 a 2.800m de altitude. Sua origem é bem antiga, similar ao maciço das Guianas, e foram também influenciados pela orogenia andina, que provocou fraturas e sua elevação.<sup>53</sup> Esses sistemas de serras interrompem a extensa planície sedimentária chaco-pampiana, e permitiram o desenvolvimento de notáveis endemismos, alguns com evidente origem andino-patagônica, como os lagartos *Pristidactylus achalensis* e *Liolaemus saxatilis*, endêmicos das serras de Córdoba, ou *Pristidactylus casubatiensis*, endêmico da Sierra de la Ventana (Buenos Aires). Outros répteis endêmicos têm possível origem tropical-subtropical, como *Cnemidophorus serranus*, *Homonota whitii*, *Liophis vanzolinii* e *L. elegantissimus*, a última de La Ventana, e as demais das serras de Córdoba. Nos setores altos das serras de Córdoba se encontram ainda populações relictuais isoladas de *Bothrops ammodytoides*, espécie própria das regiões andino-patagônicas e do Monte.

Para analisar a fauna da província MON, é necessário considerar um dos fenômenos mais importantes na modelagem das biotas sul-americanas, o soerguimento da cordilheira dos Andes – que constituiu um fator fisiográfico decisivo na produção de mudanças drásticas sobre o clima e a vegetação, configurando forças evolutivas e de seleção que se

<sup>52</sup> MORELLO, J. *Perfil ecológico de Sudamérica*. Volumen 1. Instituto de Cooperación Iberoamericana, Edición digital, 2002.

<sup>53</sup> MORELLO, J. *Op. cit.*, 2002.

<sup>54</sup> CEI, J. M. Reptiles del centro, centro-oeste, y sur de la Argentina. Herpetofauna de las zonas áridas y semiáridas. *Monogr. Mus. Reg. Sc. Natur. Torino*, 4:527 p., 1986.

<sup>55</sup> CABRERA, A. L. *Regiones Fitogeográficas de Argentina*. Enciclopedia Argentina de Agricultura y Jardinería, 2(1). Buenos Aires: Editorial ACME, 1976. 85 p.  
MORELLO, J. *Op. cit.*, 2002.

<sup>56</sup> CEI, J. M. *Op. cit.*, 1986.  
CEI, J. M. *Op. cit.*, 1993.  
SCOLARO, A. *Reptiles patagónicos norte. Una guía de campo*. Comodoro Rivadavia: Universidad Nacional de La Patagonia, 2006. 112 p.  
ABDALA, C. Nuevo *Liolaemus* (Iguania: Liolemidae) perteneciente al grupo *boulengeri* de la provincia de Neuquén. *Cuad. Herpetol.*, 16(1):3-14, 2002.  
AVILA, L. J.; MORANDO, M.; PEREZ, C. H. F. & SITES, J. W., Jr. Phylogenetic relationships of Lizards of the *Liolaemus petrophilus* group (Squamata, Liolemidae), with description of two new species from western Argentina. *Herpetologica*, 60(2):187-204, 2004.

<sup>57</sup> ETHERIDGE, R. A review of lizards of the *Liolaemus wiegmanni* group (Squamata, Iguania, Tropiduridae), and a history of morphological change in the sand-dwelling species. *Herpetol. Monogr.*, 14:293-352, 2000.  
VERRASTRO L.; VERONESE, L.; BUJES, C. & MARTINS DIAS FILHO, M. A new species of *Liolaemus* from southern Brazil (Iguania: Tropiduridae). *Herpetologica*, 59(1):105-118, 2003.

<sup>58</sup> CEI, J. M. *Op. cit.*, 1993.

refletiram numa ativa evolução e diversificação de lagartos Iguania, como os gêneros *Liolaemus* e *Pristidactylus*<sup>54</sup>. A elevação dos Andes barrou a influência úmida do oceano Pacífico, o que fez da região do Monte um verdadeiro deserto, com precipitações entre 80 e 250mm anuais. Caracteriza-se por uma vegetação xerófila, destacando-se arbustos do gênero *Larrea* e grande quantidade de cactáceas, com um relevo variando entre planícies, chapadões, encostas montanhosas, dunas arenosas e serras isoladas<sup>55</sup>, o que favoreceu uma ativa especiação de elementos saxícolas e psamófilos.

Assim, as espécies do gênero *Liolaemus* dominam a herpetofauna do MON, com numerosos micro-endemismos, como *Liolaemus cuyanus*, *L. donosoarrosi*, *L. grosseorum*, *L. gununakuna*, *L. laurenti*, *L. quilmes*, *L. mapuche*, *L. pseudoanomalous*, *L. rabinoi*, *L. riojanus*, *L. salinicola*, *L. scapularis* e *L. talampaya*.<sup>56</sup> Algumas dessas espécies têm distribuições tão restritas que podem estar facilmente ameaçadas pelas modificações humanas, como *L. rabinoi*, que depois de ter sua localidade-tipo inundada pela represa de Nihuil (Mendoza), nunca mais foi registrado. Merecem atenção especial os *Liolaemus* psamófilos do grupo “*wiegmannii*”, que apresenta uma série de espécies endêmicas de dunas isoladas na província MON, como *L. rabinoi*, *L. riojanus*, *L. salinicola*, *L. scapularis*, relacionados filogeneticamente com *L. multimaculatus*, próprio das dunas costeiras da província PAM, em Buenos Aires, e com *L. occipitalis* e *L. arambarensis*, próprios das dunas litorâneas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e *L. lutzae* das dunas costeiras do Rio de Janeiro.<sup>57</sup> José M. Ceí, em discussões muito interessantes sobre aspectos da biogeografia dos répteis da Argentina, indica a existência de um “grande médão” (banco de dunas) invasor durante períodos secos do Pleistoceno, que teria possibilitado a expansão e posterior segregação genética, por isolamento, dessas formas psamófilas<sup>58</sup>.

Além dos lagartos citados, outros répteis endêmicos do MON são: o jabuti *Geochelone donosobarrosi*, os lagartos *Leiosaurus catamarcensis* e *Pristidactylus fasciatus*, e as serpentes *Phalotris cuyanus*, *Philodryas trilineata* e *Pseudotomodon trigonatus*. O restante da fauna de répteis do MON é constituído por espécies andino-patagônicas que alcançam a região, como *Leiosaurus belli*, *Pristidactylus araucanus*, *Liolaemus boulengeri*, *L. darwini*, *L. melanops*, *L. gracilis*, *Lystrophis semicinctus* (que chega até a província PAM) e *Liophis sagittifer* (que alcança a província CHA). Ao todo, a herpetofauna conhecida para a província MON é de 68 espécies.

**Renato S. Bérnils** é graduado em Ciências Biológicas e doutorando em Zoologia no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

renatobernils@terra.com.br

**Alejandro R. Giraudo** é graduado em Biologia, doutor em Ciências Biológicas, pesquisador do Instituto Nacional del Limnología e professor da Universidad Nacional del Litoral, Santa Fé, e da Maestría en Ecología da Universidad Autónoma de Entre Ríos, Argentina.

alejandrogiraudo@hotmail.com

**Santiago Carreira** é graduado em Biologia e colaborador na Sección Zoología de Vertebrados da Facultad de Ciencias, Montevideo, Uruguai.

carreira@fcien.edu.uy

**Sonia Z. Cechin** é graduada em Biologia, doutora em Zoologia e professora do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

cechinsz@ccne.ufsm.br

#### Agradecimentos

Os autores agradecem a colaboração de Julio Cesar de Moura-Leite, Sérgio A. A. Morato, Fernando C. Straube, Liliani M. Tiepolo e Michel Miretzki, Antônio J. S. Argôlo, Paulo S. Bernarde, Gledson V. Bianconi, Marcos R. Borschein, Jorge J. Cherem, Marcos Di-Bernardo, Ronaldo Fernandes, Hebert Ferrarezzi, Francisco L. Franco, Paulo C. A. Garcia, Leonardo F. S. Ingenito, Maria C. M. Kierulff, Paulo H. Labiak, Thales de Lema, Maria L. Lorini, Reginaldo A. Machado, Otávio A. V. Marques, Gleomar F. Maschio, Aníbal R. Melgarejo G., Giovanna G. Montingelli, Vanessa G. Persson, Ricardo Pinto-da-Rocha, Ana L. C. Prudente, Miguel T. U. Rodrigues, Anthony B. Rylands, Gustavo J. Scrocchi, Magno V. Segalla, Mônica C. Silva, Fernanda Stender, Dante M. Teixeira, Alberto Urben-Filho, Wolmar B. Wosiacki, Sílvia R. Ziller, Vanesa Arzamendia e Soledad López. E reverenciam José Miguel Ceí e Marcos Di-Bernardo, herpetólogos de diferentes gerações, mas com destacada atuação na América do Sul subtropical/temperada, que lamentavelmente faleceram durante os meses de redação deste artigo.

As Yungas (província YUN) ocupam uma estreita faixa na vertente oriental da cordilheira dos Andes, entre as províncias de Salta e Tucumán, e atua como filtro ou efeito “guarda-chuva”, descarregando-se ali os ventos úmidos geralmente atlânticos que geram copiosas chuvas estacionais entre 1.500 e 3.000mm anuais. Desenvolve-se ali uma floresta montana que possui continuidade na Bolívia e no Peru, constituindo uma faixa estreita que se desenvolve entre os 350 e 3.500m de altitude, com patamares de vegetação de distintas características, relacionadas à altitude e à precipitação. Já nas zonas altas se desenvolveram campos úmidos. A exuberante vegetação das Yungas contrasta com a árida Puna a oeste e as matas xerófilas do Chaco a leste. Curiosamente, apesar de ser uma floresta úmida com influência amazônica, possui uma fauna relativamente pobre em espécies de répteis, composta por 35 espécies, ainda que muitas delas sejam endêmicas ou exclusivas dessa região na Argentina. São endêmicos ou “quase-endêmicos” os lagartos *Stenocercus marmoratus* e *Tropidurus melanopleurus*, as serpentes *Leptotyphlops striatula*, *Atractus canedii* (ainda que com registros em zonas de transição com o Chaco), *Liophis cei* e *Philodryas varius*. Habitam as Yungas alguns elementos amazônicos e subtropicais, como *Stenocercus caducus*, *S. roseiventris*, *Opipeteur xestus* e *Bothrops mattogrossensis*.

Por fim, a fauna de répteis da província PAM, uma planície temperada compartilhada com Uruguai e Rio Grande do Sul, caracterizada por chuvas moderadas, entre 600 e 1.000mm anuais, onde se desenvolvem vastos campos herbáceos. Esta província biogeográfica contém 56 espécies de répteis na Argentina, ainda que muitas sejam formas tropicais e subtropicais que se encontram de forma relictual nos grandes rios Paraná, Uruguai e da Prata. Não existem muitas espécies endêmicas no PAM, uma vez que a maioria alcança as áreas abertas do CHA, do MON e de outras províncias. Entre as poucas exceções se encontram as espécies de Sierra de la Ventana, já mencionadas, e alguns lagartos psamófilos, como *Liolaemus multimaculatus* e provavelmente as serpentes *Taeniophallus poecilopogon* e *Tomodon ocellatus* (embora esta última se distribua até as bordas de áreas chaquenhas). A região pampiana argentina tem sido fortemente modificada pela expansão agrícola, e são muito raros os ambientes naturais intactos. Entre as espécies de répteis mais comuns na PAM estão: *Amphisbaena heterozonata*, *Stenocercus pectinatus*, *Clelia rustica*, *Liophis anomalus*, *Liophis poecilogyrus*, *Lystrophis dorbignyi*, *Phalotris bilineatus*, *Philodryas patagioniensis*, *Psomophis obtusus* e *Bothrops alternatus*.



Tabela 1: Testudines e Crocodylia, registrados para a porção subtropical/temperada da Região Neotropical de Argentina, Brasil e/ou Uruguai. Províncias biogeográficas conforme MORRONE (2001): ATL = Floresta Atlântica; ARA = Floresta de *Araucaria angustifolia*; PAR = Floresta Paranaense; PAM = Pampa; MON = Monte; CHA = Chaco; e YUN = Yungas. A = espécie presente na província; E = espécie introduzida, exótica à província.

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<b>Cheloniidae</b>							
<i>Caretta caretta</i> (Linnaeus, 1758)	A	-	-	A	-	-	-
<i>Chelonia mydas</i> (Linnaeus, 1758)	A	-	-	A	-	-	-
<i>Eretmochelys imbricata</i> (Linnaeus, 1766)	A	-	-	A	-	-	-
<i>Lepidochelys olivacea</i> (Eschscholtz, 1829)	A	-	-	A	-	-	-
<b>Dermochelyidae</b>							
<i>Dermochelys coriacea</i> (Linnaeus, 1766)	A	-	-	A	-	-	-
<b>Emydidae</b>							
<i>Trachemys dorbigni</i> (Duméril & Bibron, 1835)	E	-	-	A	-	-	-
<b>Testudinidae</b>							
<i>Geochelone carbonaria</i> Spix, 1824	-	-	-	-	-	A	-
<i>G. chilensis</i> (Gray, 1870)	-	-	-	-	A	A	-
<i>G. donosobarrosi</i> (Freiberg, 1973)	-	-	-	-	A	-	-
<b>Chelidae</b>							
<i>Acanthochelys pallidipectoris</i> (Freiberg, 1945)	-	-	-	-	-	A	-
<i>A. spixii</i> (Duméril & Bibron, 1835)	-	A	A	A	-	-	-
<i>Hydromedusa maximiliani</i> (Mikan, 1820)	A	-	-	-	-	-	-
<i>H. tectifera</i> Cope, 1869	A	A	A	A	-	-	-
<i>Mesoclemmys vanderhaegei</i> (Bour, 1973)	-	-	A	-	-	A	-
<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	-	-	A	-	-	-	-
<i>P. hylarii</i> (Duméril & Bibron, 1835)	A	-	-	A	-	A	-
<i>P. williamsi</i> Rhodin & Mittermeier, 1983	-	A	A	A	-	-	-
<b>Kinosternidae</b>							
<i>Kinosternon scorpioides</i> (Linnaeus, 1766)	-	-	-	-	-	A	-
<b>Alligatoridae</b>							
<i>Caiman latirostris</i> (Daudin, 1802)	A	-	A	A	-	A	A
<i>C. yacare</i> (Daudin, 1802)	-	-	-	-	-	A	-



Tabela 2: Lagartos Iguania, registrados para a porção subtropical/temperada da Região Neotropical de Argentina, Brasil e/ou Uruguai. Províncias biogeográficas conforme MORRONE (2001): ATL = Floresta Atlântica; ARA = Floresta de *Araucaria angustifolia*; PAR = Floresta Paranaense; PAM = Pampa; MON = Monte; CHA = Chaco; e YUN = Yungas. A = espécie presente na província; C = exemplares de enclaves/relictos tropicais ou transportados por vegetação aquática flutuante; D = registro duvidoso, mas ocorrência possível; X = espécie com registro anterior (em literatura) errôneo.

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<b>Leiosauridae</b>							
<i>Anisolepis grilli</i> Boulenger, 1891	A	A	A	X	-	-	-
<i>A. longicauda</i> (Boulenger, 1891)	-	-	-	-	-	A	-
<i>A. undulatus</i> (Wiegmann, 1834)	-	X	C	A	-	-	-
<i>E. iberiingi</i> Boulenger, 1885	A	A	-	-	-	-	-
<i>E. perditus</i> Jackson, 1978	-	-	A	-	-	-	-
<i>Leiosaurus belli</i> Duméril & Bibron, 1837	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. catamarcensis</i> (Koslowky, 1898)	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. paronae</i> (Peracca, 1897)	-	-	-	-	A	A	-
<i>Pristidactylus achalensis</i> (Gallardo, 1964)	-	-	-	-	-	A	-
<i>P. araucanus</i> (Gallardo, 1964)	-	-	-	-	A	-	-
<i>P. casubatiensis</i> (Gallardo, 1968)	-	-	-	A	-	-	-
<i>P. fasciatus</i> (D'Orbigny & Bibron, 1837)	-	-	-	-	A	-	-
<i>Urostrophus gallardo</i> Etheridge & Williams, 1991	-	-	-	-	-	A	-
<i>U. vautieri</i> Duméril & Bibron, 1837	-	A	A	-	-	-	-
<b>Liolaemidae</b>							
<i>Liolaemus anomalus</i> Koslowky, 1896	-	-	-	-	A	A	-
<i>L. arambarensis</i> Verrastro, Veronese, Bujes & Dias, 2003	-	-	-	A	-	-	-
<i>L. austromendocinus</i> Cei, 1974	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. azarai</i> Avila, 2003	-	-	-	-	-	A	-
<i>L. bitaeniatus</i> Laurent, 1984	-	-	-	-	A	A	-
<i>L. boulengeri</i> Koslowky, 1898	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. calchaqui</i> Lobo & Kretzschmar, 1996	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. chacoensis</i> Shreve, 1948	-	-	-	-	A	A	-
<i>L. cuyan</i> Cei & Scolaro, 1980	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. darwini</i> Bell, 1843	-	-	-	A	A	-	-
<i>L. donosoarrosi</i> (Cei, 1974)	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. dorbigni</i> (Koslowky, 1898)	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. gracilis</i> Bell, 1843	-	-	-	A	A	-	-

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<i>L. grosseorum</i> Etheridge, 2001	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. gununakuna</i> Avila, Morando, Perez & Sites, 2004	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. josei</i> Abdala, 2005	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. koslowsky</i> Etheridge, 1993	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. laurenti</i> Etheridge, 1986	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. mapuche</i> Abdala, 2002	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. martorii</i> Abdala, 2003	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. melanops</i> Burmeister, 1888	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. morenoi</i> Etheridge & Christie, 2003	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. multimaculatus</i> (Duméril & Bibron, 1837)	-	-	-	A	-	-	-
<i>L. occipitalis</i> Boulenger, 1885	A	-	-	A	-	-	-
<i>L. pseudoanomalus</i> Cei, 1981	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. quilmes</i> Etheridge, 1993	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. rabinoi</i> Cei, 1974	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. riojanus</i> Cei, 1979	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. salinicola</i> Laurent, 1986	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. scapularis</i> Laurent, 1982	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. saxatilis</i> Avila, Cei, Acosta & Martoni, 1992	-	-	-	-	-	A	-
<i>L. talampaya</i> Avila, Morando, Perez & Sites, 2004	-	-	-	-	A	-	-
<i>L. wiegmanni</i> (Duméril & Bibron, 1837)	-	-	-	A	A	-	-
<b>Polychrotidae</b>							
<i>Polychrus acutirostris</i> Spix, 1825	-	-	-	X	-	A	-
<b>Tropiduridae</b>							
<i>Stenocercus azureus</i> (Müller, 1882)	-	A	A	A	-	-	-
<i>S. caducus</i> (Cope, 1862)	-	-	A	-	-	-	A
<i>S. marmoratus</i> (Duméril & Bibron, 1837)	-	-	-	-	-	-	A
<i>S. doellojuradoi</i> Freiberg, 1944	-	-	-	-	-	A	-
<i>S. pectinatus</i> (Duméril & Bibron, 1837)	-	-	-	A	-	A	-
<i>S. roseiventris</i> D'Orbigny, 1837	-	-	-	-	-	-	A
<i>Tropidurus etheridgei</i> Cei, 1982	-	-	-	-	-	A	-
<i>T. itambere</i> Rodrigues, 1987	-	A	A	-	-	-	-
<i>T. melanopleurus</i> Boulenger, 1902	-	-	-	-	-	-	A
<i>T. spinulosus</i> (Cope, 1862)	-	-	-	-	-	A	-
<i>T. torquatus</i> (Wied, 1820)	-	-	A	A	-	-	-

Tabela 3: Anfisbenídeos e lagartos Scleroglossa, registrados para a porção subtropical/temperada da Região Neotropical de Argentina, Brasil e/ou Uruguai. Províncias biogeográficas conforme MORRONE (2001): ATL = Floresta Atlântica; ARA = Floresta de *Araucaria angustifolia*; PAR = Floresta Paranaense; PAM = Pampa; MON = Monte; CHA = Chaco; e YUN = Yungas. A = espécie presente na província; C = exemplares de enclaves/relictos tropicais ou transportados por vegetação aquática flutuante; D = registro duvidoso, mas ocorrência possível; E = espécie introduzida, exótica à província; X = espécie com registro anterior (em literatura) errôneo.

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<b>Amphisbaenidae</b>							
<i>Amphisbaena alba</i> Linnaeus, 1758	-	-	A	-	-	-	-
<i>A. angustifrons</i> Cope, 1861	-	-	-	A	-	A	A
<i>A. bolivica</i> Mertens, 1929	-	-	-	-	-	A	-
<i>A. darwini</i> Duméril & Bibron, 1839	-	-	-	A	-	-	-
<i>A. dubia</i> Müller, 1924	-	A	A	-	-	-	-
<i>A. heterozonata</i> Burmeister, 1861	-	-	-	A	A	A	A
<i>A. hiata</i> Montero & Céspedes, 2002	-	-	-	-	-	A	-
<i>A. hoguei</i> Vanzolini, 1950	A	-	-	-	-	-	-
<i>A. mertensi</i> Strauch, 1881	-	A	A	-	-	-	-
<i>A. munoai</i> Klappenbach, 1966	-	-	-	A	-	-	-
<i>A. plumbea</i> Gray, 1872	-	-	-	-	A	-	-
<i>A. prunicolor</i> (Cope, 1885)	-	A	A	-	-	-	-
<i>A. trachura</i> Cope, 1885	A	A	A	A	-	-	-
<i>Anops kingii</i> Bell, 1833	-	-	-	A	A	A	A
<i>Cercolophia borellii</i> Peracca, 1897	-	-	-	-	-	A	-
<i>C. roberti</i> (Gans, 1964)	-	A	A	-	-	-	-
<i>Leposternon microcephalum</i> Wagler, 1824	A	-	A	A	-	A	-
<b>Gekkonidae</b>							
<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau de Jonnés, 1818)	E	E	E	E	-	-	-
<i>H. turcicus</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	-	E	-	-	-
<i>Homonota borellii</i> (Peracca, 1897)	-	-	-	A	A	A	A
<i>H. darwini</i> Boulenger, 1885	-	-	-	-	A	-	-
<i>H. fasciata</i> (Duméril & Bibron, 1836)	-	-	-	A	A	A	A
<i>H. underwoodi</i> Kluge, 1964	-	-	-	-	A	-	-
<i>H. uruguayensis</i> (Vaz-Ferreira & Sierra de Soriano, 1961)	-	-	-	A	-	-	-
<i>H. whitii</i> Boulenger, 1885	-	-	-	-	-	A	-
<i>Phyllopezus pollicaris</i> (Spix, 1825)	-	-	-	-	-	A	-
<i>Tarentola mauritanica</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	-	E	-	-	-

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<b>Anguidae</b>							
<i>Diploglossus fasciatus</i> (Gray, 1831)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Ophiodes intermedius</i> Boulenger, 1894	-	-	-	A	A	A	A
<i>O. striatus</i> (Spix, 1824)	A	A	A	A	-	-	-
<i>O. vertebralis</i> Bocourt, 1881	-	-	-	A	-	-	-
<i>O. yacupoi</i> Gallardo, 1966	-	-	A	-	-	-	-
<b>Teiidae</b>							
Ameiva ameiva (Linnaeus, 1758)	-	-	A	-	-	A	A
<i>Cnemidophorus lacertoides</i> Duméril & Bibron, 1839	-	-	-	A	-	-	-
<i>C. leachi</i> Peracca, 1897	-	-	-	-	-	-	A
<i>C. longicaudus</i> Bell, 1843	-	-	-	-	A	-	-
<i>C. serranus</i> Cei & Martori, 1991	-	-	-	-	-	A	-
<i>C. ocellifer</i> (Spix, 1825)	-	-	-	X	-	A	-
<i>C. vacariensis</i> Feltrim & Lema, 2000	-	A	-	-	-	-	-
<i>Kentropyx lagartija</i> Gallardo, 1962	-	-	-	-	-	A	-
<i>K. viridistriga</i> Boulenger, 1894	-	-	-	-	-	A	-
<i>Teius oculatus</i> (D'Orbigny & Bibron, 1837)	-	A	-	A	-	A	-
<i>T. suquiensis</i> Avila & Martori, 1991	-	-	-	-	-	A	-
<i>T. teyou</i> (Daudin, 1802)	-	-	-	-	A	A	-
<i>Tupinambis duseni</i> Lönnberg, 1896	-	-	X	-	-	-	-
<i>T. merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839)	A	A	A	A	-	A	-
<i>T. rufescens</i> (Günther, 1871)	-	-	-	-	A	A	A
<b>Gymnophthalmidae</b>							
<i>Cercosaura ocellata</i> Wagler, 1830	-	-	A	A	-	-	-
<i>C. quadrilineata</i> (Boettger, 1876)	-	-	A	-	-	-	-
<i>C. schreibersii</i> Wiegmann, 1834	A	A	A	A	-	A	A
<i>C. steyeri</i> (Tedesco, 1998)	-	-	-	-	-	A	-
<i>Opipenter xestus</i> Uzzell, 1969	-	-	-	-	-	-	A
<i>Colobodactylus taunayi</i> (Amaral, 1933)	A	D	-	-	-	-	-
<i>Ecpleopus gaudichaudii</i> Duméril & Bibron, 1839	A	-	-	-	-	-	-
<i>Placosoma cordylinum</i> Tschudi, 1847	A	-	-	-	-	-	-
<i>P. glabellum</i> (Peters, 1870)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Vanzosaura rubricauda</i> (Boulenger, 1902)	-	-	-	-	-	A	-
<b>Scincidae</b>							
<i>Mabuya dorsivittata</i> Cope, 1862	A	A	-	A	A	A	-
<i>M. frenata</i> (Cope, 1862)	-	-	A	C	-	A	A

Tabela 4: Serpentes não-Colubridae, registradas para a porção subtropical/temperada da Região Neotropical de Argentina, Brasil e/ou Uruguai. Províncias biogeográficas conforme MORRONE (2001): ATL = Floresta Atlântica; ARA = Floresta de *Araucaria angustifolia*; PAR = Floresta Paranaense; PAM = Pampa; MON = Monte; CHA = Chaco; e YUN = Yungas. A = espécie presente na província; C = exemplares de enclaves/relictos tropicais ou transportados por vegetação aquática flutuante; D = registro duvidoso, mas ocorrência possível; X = espécie com registro anterior (em literatura) errôneo.

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<b>Anomalepididae</b>							
<i>Liotyphlops beui</i> (Amaral, 1924)		A	A	-	-	-	-
<i>L. ternetzii</i> (Boulenger, 1896)		-	C	C	-	C	-
<b>Leptotyphlopidae</b>							
<i>Leptotyphlops albipunctus</i> (Burmeister, 1861)		-	-	A	A	A	A
<i>L. australis</i> Freiberg & Orejas-Miranda, 1968		-	-	-	A	A	-
<i>L. borrichianus</i> (Dergebol, 1923)		-	-	-	A	-	-
<i>L. munoai</i> Orejas-Miranda, 1961		-	A	A	-	-	-
<i>L. striatula</i> Smith & Laufe, 1945		-	-	-	-	-	A
<i>L. unguirostris</i> (Boulenger, 1902)	-	-	-	-	A	A	-
<i>L. vellardi</i> Laurent, 1984	-	-	-	-	-	A	-
<b>Typhlopidae</b>							
<i>Typhlops brongersmianus</i> Vanzolini, 1976	-	-	A	C	-	A	-
<b>Tropidophiidae</b>							
<i>Tropidophis paucisquamis</i> (Müller, 1901)	A	-	-	-	-	-	-
<b>Boidae</b>							
<i>Boa constrictor</i> Linnaeus, 1758	-	-	C	-	A	A	-
<i>Corallus cropanii</i> (Hoge, 1953)	A	-	-	-	-	-	-
<i>C. hortulanus</i> (Linnaeus, 1758)	-	X	-	-	-	-	-
<i>Epicrates cenchria</i> (Linnaeus, 1758)	-	A	A	-	-	A	-
<i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	C	-	-	-	-
<i>E. notaeus</i> Cope, 1862	-	-	C	C	-	A	-
<b>Elapidae</b>							
<i>Micrurus altirostris</i> (Cope, 1860)	D	A	A	A	-	-	-
<i>M. baliocoryphus</i> (Cope, 1860)	-	-	-	A	-	A	-
<i>M. corallinus</i> (Merrem, 1820)	A	D	A	X	-	-	-
<i>M. decoratus</i> (Jan, 1858)	A	-	-	-	-	-	-
<i>M. frontalis</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	A	-	-	-	-
<i>M. lemniscatus</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	A	-	-	-	-
<i>M. pyrrhocryptus</i> (Cope, 1862)	-	-	-	-	A	A	A

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<b>Viperidae</b>							
<i>Bothrops alternatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	-	A	A	A	-	A	-
<i>B. ammodytoides</i> Leybold, 1873	-	-	-	-	A	C	-
<i>B. cotiara</i> (Gomes, 1913)	-	A	-	-	-	-	-
<i>B. diporus</i> Cope, 1862	-	-	A	A	A	A	A
<i>B. insularis</i> (Amaral, 1921)	A	-	-	-	-	-	-
<i>B. itapetiningae</i> (Boulenger, 1907)	-	A	-	-	-	-	-
<i>B. jararaca</i> (Wied, 1824)	A	A	A	-	-	-	-
<i>B. jararacussu</i> Lacerda, 1884	A	-	A	-	-	-	-
<i>B. matogrossensis</i> Amaral, 1925	-	-	-	-	-	-	A
<i>B. moojeni</i> Hoge, 1966	-	-	A	-	-	-	-
<i>B. newwiedi</i> Wagler, 1824	-	A	A	-	-	-	-
<i>B. pauloensis</i> Amaral, 1925	-	-	A	-	-	-	-
<i>B. pubescens</i> (Cope, 1870)	-	-	-	A	-	-	-
<i>Crotalus durissus</i> Linnaeus, 1758	-	A	A	A	-	A	-

Tabela 5: Serpentes Colubridae, registradas para a porção subtropical/temperada da Região Neotropical de Argentina, Brasil e/ou Uruguai. Províncias biogeográficas conforme MORRONE (2001): ATL = Floresta Atlântica; ARA = Floresta de *Araucaria angustifolia*; PAR = Floresta Paranaense; PAM = Pampa; MON = Monte; CHA = Chaco; e YUN = Yungas. A = espécie presente na província; C = exemplares transportados por vegetação aquática flutuante ou de enclaves/relictos tropicais; D = registro duvidoso, mas ocorrência possível; X = espécie com registro anterior (em literatura) errôneo.

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<i>Apostolepis assimilis</i> (Reinhardt, 1861)	-	-	A	-	-	-	-
<i>A. dimidiata</i> (Jan, 1862)	-	-	A	-	-	-	-
<i>A. quirogai</i> Giraud & Scrocchi, 1998	-	-	A	-	-	-	-
<i>Atractus canedii</i> Scrocchi & Ceï, 1991	-	-	-	-	-	A	A
<i>A. paraguayensis</i> Werner, 1924	-	-	-	-	-	A	-
<i>A. reticulatus</i> (Boulenger, 1885)	-	A	A	A	-	-	-
<i>A. snethlageae</i> Cunha & Nascimento, 1983	-	-	-	-	-	C	-
<i>A. taeniatus</i> Griffin, 1916	-	A	A	-	-	-	-
<i>A. thalesdelemai</i> Passos, Fernandes & Zanella, 2005	-	-	-	A	-	-	-
<i>A. tribedrurus</i> Amaral, 1926	A	-	-	-	-	-	-
<i>A. zebrinus</i> (Jan, 1862)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Boiruna maculata</i> (Boulenger, 1896)	-	A	A	A	A	A	A
<i>Calamodontophis paucidens</i> (Amaral, 1935)	-	-	-	A	-	-	-
<i>C. ronaldoi</i> Franco, Cintra & Lema, 2006	-	A	-	-	-	-	-
<i>Chironius bicarinatus</i> (Wied, 1820)	A	A	A	A	-	-	-



Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<i>C. exoletus</i> (Linnaeus, 1758)	A	A	A	-	-	-	-
<i>C. flavolineatus</i> (Boettger, 1885)	-	A	A	-	-	-	-
<i>C. foveatus</i> Bailey, 1955	A	-	-	-	-	-	-
<i>C. fuscus</i> (Linnaeus, 1758)	A	-	-	-	-	-	-
<i>C. laevicollis</i> (Wied, 1824)	A	-	A	-	-	-	-
<i>C. maculovenstris</i> Dixon, Wiest & Cei, 1993	-	-	-	-	-	A	-
<i>C. quadricarinatus</i> (Boie, 1827)	-	-	A	-	-	-	-
<i>Clelia bicolor</i> (Peracca, 1904)	-	-	A	-	-	A	-
<i>C. clelia</i> Daudin, 1803	-	-	C	-	-	C	-
<i>C. hussami</i> Morato, Franco & Sanches, 2003	-	A	-	-	-	-	-
<i>C. plumbea</i> (Wied, 1820)	A	-	A	-	-	-	-
<i>C. quimi</i> Franco, Marques & Puerto, 1997	-	A	A	-	-	-	-
<i>C. rustica</i> (Cope, 1878)	-	A	C	A	A	-	A
<i>Dipsas albifrons</i> (Sauvage, 1884)	A	-	-	-	-	-	-
<i>D. alternans</i> (Fischer, 1885)	A	-	A	-	-	-	-
<i>D. indica</i> Laurenti, 1768	A	-	A	-	-	A	-
<i>D. neivai</i> (Amaral, 1926)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Ditaxodon taeniatus</i> (Hensel, 1868)	-	A	-	-	-	-	-
<i>Drymarchon corais</i> (Boie, 1827)	-	-	-	-	-	A	-
<i>Echinanthera amoena</i> (Jan, 1863)	-	A	-	-	-	-	-
<i>E. cephalostriata</i> Di-Bernardo, 1996	A	A	-	-	-	-	-
<i>E. cyanopleura</i> (Cope, 1885)	A	A	A	-	-	-	-
<i>E. undulata</i> (Wied, 1824)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Elapomorphus quinquelineatus</i> (Raddi, 1820)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Erythrolamprus aesculapii</i> (Linnaeus, 1766)	A	-	A	-	-	-	-
<i>Gomesophis brasiliensis</i> (Gomes, 1918)	-	A	-	-	-	-	-
<i>Helicops carinicaudus</i> (Wied, 1825)	A	-	-	-	-	-	-
<i>H. gomesi</i> Amaral, 1921	-	-	A	-	-	-	-
<i>H. infrataeniatus</i> (Jan, 1865)	-	A	A	A	-	-	-
<i>H. leopardinus</i> (Schlegel, 1837)	-	-	-	A	-	A	-
<i>H. modestus</i> Günther, 1861	-	-	A	-	-	-	-
<i>Hydrodynastes gigas</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	C	C	-	A	-
<i>Hydrops caesurus</i> Scrocchi, Ferreira, Giraudo, Avila & Motte, 2005	-	-	A	-	-	A	-
<i>Imantodes cenchoa</i> (Linnaeus, 1758)	A	-	A	-	-	C	A
<i>Leptodeira annulata</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	A	-	-	A	-
<i>Leptophis abaelulla</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	A	A	-	A	C
<i>Liophis almadensis</i> (Wagler, 1824)	-	A	A	A	-	A	-

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<i>L. amarali</i> Wettstein, 1930	A	-	-	-	-	-	-
<i>L. anomalus</i> (Günther, 1858)	-	-	-	A	-	-	-
<i>L. atraventer</i> Dixon & Thomas, 1985	A	-	-	-	-	-	-
<i>L. ceii</i> Dixon, 1991	-	-	-	-	-	-	A
<i>L. dilepis</i> (Cope, 1862)	-	-	-	-	-	A	-
<i>L. elegantissimus</i> (Koslowsky, 1895)	-	-	-	A	-	-	-
<i>L. flavifrenatus</i> (Cope, 1862)	-	A	A	A	-	A	-
<i>L. frenatus</i> (Werner, 1909)	-	-	A	-	-	-	-
<i>L. jaegeri</i> (Günther, 1858)	-	A	A	A	-	A	-
<i>L. meridionalis</i> (Schenkel, 1901)	-	A	A	-	-	A	-
<i>L. miliaris</i> (Linnaeus, 1758)	A	A	A	-	-	-	-
<i>L. poecilogyrus</i> (Wied, 1824)	-	A	A	A	-	A	-
<i>L. reginae</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	A	-	-	-	A
<i>L. sagittifer</i> (Jan, 1863)	-	-	-	A	A	A	-
<i>L. semiaureus</i> (Cope, 1862)	-	-	-	A	-	A	-
<i>L. typhlus</i> (Linnaeus, 1758)	A	-	-	-	-	-	-
<i>L. vanzolinii</i> Dixon, 1985	-	-	-	A	-	-	-
<i>Lystrophis dorbignyi</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	A	-	-	A	A	A	-
<i>L. histicus</i> (Jan, 1863)	-	A	A	A	-	A	-
<i>L. nattereri</i> (Steindachner, 1867)	-	A	-	-	-	-	-
<i>L. pulcher</i> (Jan, 1863)	-	-	-	-	-	A	-
<i>L. semicinctus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	-	A	A	-	-
<i>Mastigodryas bifossatus</i> (Raddi, 1820)	-	A	A	A	-	A	A
<i>Oxyrhopus clathratus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	A	A	-	-	-	-	-
<i>O. guibei</i> Hoge & Romano, 1977	-	-	A	-	-	C	-
<i>O. petola</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	A	-	-	-	-
<i>O. rhombifer</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	-	A	A	A	A	A	A
<i>Phalotris bilineatus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	-	A	A	A	-
<i>P. cuyanus</i> (Ceii, 1984)	-	-	-	-	A	-	-
<i>P. lemniscatus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	-	A	-	-	-
<i>P. matogrossensis</i> Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005	-	-	A	X	-	-	-
<i>P. mertensi</i> (Hoge, 1955)	-	-	A	-	-	-	-
<i>P. reticulatus</i> (Peters, 1860)	-	A	A	C	-	-	-
<i>P. tricolor</i> Cope, 1861	-	-	C	-	-	A	A
<i>Philodryas aestiva</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	A	A	A	A	-	A	-
<i>P. arnaldoi</i> (Amaral, 1932)	-	A	-	-	-	-	-
<i>P. baroni</i> Berg, 1895	-	-	-	-	-	A	-

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<i>P. mattogrossensis</i> Koslowsky, 1898	-	-	D	-	-	A	-
<i>P. olfersii</i> (Lichtenstein, 1823)	-	A	A	A	-	A	A
<i>P. patagoniensis</i> (Girard, 1857)	-	A	A	A	A	A	-
<i>P. psammophideus</i> Günther, 1872	-	-	-	X	A	A	-
<i>P. trilineata</i> (Burmeister, 1861)	-	-	-	-	A	-	-
<i>P. varius</i> (Jan, 1863)	-	-	-	-	-	-	A
<i>Phimophis guerinii</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	C	-	-	A	-
<i>P. vittatus</i> (Boulenger, 1896)	-	-	-	-	A	A	-
<i>Pseudablabe agassizii</i> (Jan, 1863)	-	A	A	A	-	A	-
<i>Pseudoboa haasi</i> (Boettger, 1905)	A	A	A	-	-	-	-
<i>P. nigra</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	-	-	A	-	-	-	-
<i>P. serrana</i> Morato, Moura-Leite, Prudente & Bérnils, 1995	A	-	-	-	-	-	-
<i>Pseudoeryx plicatilis</i> (Linnaeus, 1758)	-	-	-	-	-	A	-
<i>Pseudotomodon trigonatus</i> (Leybold, 1873)	-	-	-	-	A	C	-
<i>Psomophis genimaculatus</i> (Boettger, 1885)	-	-	-	-	-	A	-
<i>P. obtusus</i> (Cope, 1864)	-	-	-	A	-	A	-
<i>Ptychophis flavovirgatus</i> Gomes, 1915	-	A	-	-	-	-	-
<i>Rhachidelus brazili</i> Boulenger, 1908	-	-	A	-	-	-	-
<i>Sibynomorphus lavillai</i> Scrocchi, Porto & Rey, 1993	-	-	-	-	-	A	-
<i>S. mikanii</i> (Schlegel, 1837)	-	-	A	-	-	-	-
<i>S. newwiedi</i> (Ihering, 1911)	A	A	-	-	-	-	-
<i>S. turgidus</i> (Cope, 1868)	-	-	A	A	-	A	A
<i>S. ventrimaculatus</i> (Boulenger, 1885)	-	A	A	X	-	-	-
<i>Simophis rhinostoma</i> (Schlegel, 1837)	-	-	A	-	-	-	-
<i>Siphlophis longicaudatus</i> (Andersson, 1901)	A	-	-	-	-	-	-
<i>S. pulcher</i> (Raddi, 1820)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Sordellina punctata</i> (Peters, 1880)	A	A	-	-	-	-	-
<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)	A	-	A	-	-	-	-
<i>Taeniophallus affinis</i> (Günther, 1858)	-	A	-	-	-	-	-
<i>T. bilineatus</i> (Fischer, 1885)	A	A	-	-	-	-	-
<i>T. occipitalis</i> (Jan, 1863)	-	-	A	A	-	A	A
<i>T. persimilis</i> (Cope, 1869)	A	-	-	-	-	-	-
<i>T. poecilopogon</i> (Cope, 1863)	-	A	-	A	-	-	-
<i>Tantilla melanocephala</i> (Linnaeus, 1758)	-	A	A	A	-	A	-
<i>Thamnodynastes chaquensis</i> Bergna & Alvarez, 1993	-	-	-	C	-	A	-
<i>T. hypoconia</i> (Cope, 1860)	-	A	A	A	-	A	-
<i>T. lanei</i> Bailey, Thomas & Silva, 2005	-	-	-	-	-	C	-

*Répteis das porções subtropical e temperada da região Neotropical*

Táxons	ATL	ARA	PAR	PAM	MON	CHA	YUN
<i>T. strigatus</i> (Günther, 1858)	-	A	A	A	-	C	-
<i>Tomodon dorsatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	A	A	A	-	-	-	-
<i>T. ocellatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	-	-	-	A	-	-	-
<i>Tropidodryas serra</i> (Schlegel, 1837)	A	-	-	-	-	-	-
<i>T. striaticeps</i> (Cope, 1869)	A	A	-	-	-	-	-
<i>Uromacerina ricardinii</i> (Peracca, 1897)	A	-	-	-	-	-	-
<i>Waglerophis merremii</i> (Wagler, 1824)	-	A	A	A	A	A	A
<i>Xenodon guentheri</i> Boulenger, 1894	-	A	-	-	-	-	-
<i>X. newwiedii</i> Günther, 1863	A	A	A	-	-	-	-